

**RESILIÊNCIA FACE À VITIMIZAÇÃO ENTRE PARES OU *BULLYING* EM
FUNÇÃO DO PESO E NÍVEL SOCIOECONÓMICO: MECANISMOS DE RISCO
E PROTEÇÃO**

MÓNICA CARINA MARTINS COELHO, 201104176

Orientação:

Prof. Dr^a Susana Maria Gonçalves Coimbra

Ano Letivo 2015/2016

**Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**RESILIÊNCIA FACE À VITIMIZAÇÃO ENTRE PARES OU *BULLYING* EM
FUNÇÃO DO PESO E NÍVEL SOCIOECONÓMICO: MECANISMOS DE RISCO
E PROTEÇÃO**

Mónica Carina Martins Coelho

Outubro, 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
área de Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pela Prof. Dr.^a Susana Coimbra (F.P.C.E.U.P.).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Gostaria de dar os meus sinceros agradecimentos por todo o apoio prestado:

- À Prof. Dr.^a Susana Coimbra, por todos os momentos de partilha, colaboração, incentivo e transmissão de conhecimento fulcral para a concretização desta dissertação.
- À Dr.^a Daniela Freitas por ter aceitado que eu fizesse o meu estudo baseado numa subamostra do seu, e por toda ajuda que me deu ao longo deste percurso.
- À minha família pela compreensão e apoio prestado ao longo desta caminhada, enquanto estudante universitária.

Resumo

As situações de violência entre pares na escola são frequentes, podendo ter sérias implicações no sucesso escolar, no bem-estar e no processo de desenvolvimento dos alunos. A resiliência define-se como a superação de situações difíceis e a adaptação positiva e saudável da pessoa quando em contacto com condições adversas. A sua investigação em situações de violência entre pares no contexto escolar e face a motivos específicos, como o peso ou nível socioeconómico, pode representar um contributo importante no aprofundamento da compreensão e intervenção neste fenómeno.

A presente investigação teve como objetivo geral o estudo dos fatores de risco e de proteção internos e externos utilizados perante a violência social, nomeadamente o *bullying* ou vitimização entre pares e discriminação, junto de dois grupos principais de adolescentes alvo de discriminação em função do peso e do nível socioeconómico. Foram recolhidos dados junto a 292 adolescentes, sendo que 117 fazem parte do grupo de vítimas em função do peso, 72 vítimas em função do NSE e 103 que fazem parte do grupo de não vítimas. Os dados recolhidos incidiam sobre a autoestima como indicador de ajustamento, os fatores de risco (perceção de discriminação, rejeição pessoal e tratamento injusto e vitimização física, verbal, ataques à propriedade e social), sobre os fatores de proteção interno (ansiedade, coping ativo e auto-culpabilização) e externo (conflito e admiração dos pais).

Os resultados sugerem a existência de diferenças entre os três grupos nas variáveis observadas, surgindo o grupo de vítimas associadas ao peso como aquele que apresenta níveis de autoestima mais baixos e níveis de discriminação, de vitimização e de ansiedade mais elevados. A rejeição pessoal, vitimização física, ansiedade e culpabilização, foram considerados preditores da autoestima no sentido negativo, no grupo das vítimas em função do peso. O ataque à propriedade, ansiedade e culpabilização, foram também considerados preditores negativos no grupo de vítimas em função do NSE. Os mecanismos de proteção externos não foram considerados preditores da autoestima. Os resultados das análises realizadas nesta investigação revelam a complexidade e especificidade dos mecanismos envolvidos no processo resiliência perante vitimização entre pares e a discriminação.

Palavras-chave: Resiliência, Contexto escolar, Vitimização, Peso, Nível socioeconómico.

Abstract

The situations of violence between peers at school are increasingly severe and frequent and may have serious implications for school success, wellbeing and student development. Resilience is defined as overcoming difficult situations and positive and healthy adaptation of the person when in contact with adverse conditions. His research in situations of violence among peers in the school context and address specific reasons, such as weight or socioeconomic level, may represent an important contribution to deepening understanding and intervention in this phenomenon.

This research aimed to study the risk factors and internal and external protection used against social violence, including bullying or victimization among peers and discrimination, along two main groups of adolescents subject to discrimination based on weight and socio-economic level. Data were collected from 292 adolescents, and 117 are part of the group of victims due to the weight 72 victims due to the NSE 103 and forming part of the group of non victims. The data collected were assessed on self-esteem as an adjustment indicator, the risk factors (personal rejection, discrimination perception and unjust treatment, and physical victimization, verbal, attacks on property and social) on the internal protective factors (anxiety, coping active and self-blame) and external (conflict and parental admiration).

The results suggest the existence of differences among the three groups in the observed variables, the emerging group of victims associated with weight as one that has lower self-esteem levels and levels of discrimination, victimization and high ansiedad. Personal rejection, physical victimization, anxiety and guilt were considered predictors of self-esteem in a negative sense, the group of victims depending on the weight. The attack on the property, anxiety and guilt, were also considered negative predictors in the group of victims depending on the NSE. The external protection mechanisms were not considered predictors of self-esteem. The results of the analyzes performed in this investigation reveal the complexity and specificity of the mechanisms involved in resilience to peer victimization and discrimination.

Keywords: Resilience, school Context, Victimization, weight, socio-economic level.

Resumé

Les situations de violence entre pairs à l'école sont de plus en plus graves et fréquentes et peuvent avoir de graves conséquences pour la réussite scolaire, le bien-être et le développement des élèves. La résilience est définie comme surmonter des situations difficiles et l'adaptation positive et saine de la personne lorsqu'elle est en contact avec des conditions défavorables. Ses travaux de recherche dans des situations de violence entre pairs dans le contexte de l'école et des raisons spécifiques d'adresse, comme le poids ou le niveau socio-économique, peut représenter une contribution importante à l'approfondissement de la compréhension et de l'intervention dans ce phénomène.

Cette recherche visait à étudier les facteurs de risque et de protection interne et externe utilisé contre la violence sociale, y compris l'intimidation ou la victimisation chez les pairs et la discrimination, ainsi que deux principaux groupes d'adolescents victimes de discrimination basée sur le poids et niveau socio-économique. Les données ont été recueillies auprès de 292 adolescents, et 117 font partie du groupe de victimes en raison du poids de 72 victimes en raison de la NSE 103 et faisant partie du groupe des non victimes. Les données recueillies ont été évaluées sur l'estime de soi comme un indicateur d'ajustement, les facteurs de risque (perception de la discrimination, rejet personnelle et le traitement injust, et à la victimisation physique, verbale, les atteintes aux biens et social) sur les facteurs de protection internes (anxiété, adaptation active et auto-accusation) et externe (conflit et l'admiration des parents).

Les résultats suggèrent l'existence de différences entre les trois groupes dans les variables observées, le nouveau groupe de victimes associé à poids comme celui qui a des niveaux et des niveaux de discrimination, de victimisation et de haute ansiedademaïs faible estime de soi. rejet personnel, victimisation physique, l'anxiété et la culpabilité ont été considérés comme des prédicteurs de l'estime de soi dans un sens négatif, le groupe des victimes en fonction du poids. L'attaque sur la propriété, l'anxiété et la culpabilité, ont aussi été considérés prédicteurs négatifs dans le groupe des victimes en fonction de la NSE. Les mécanismes de protection externes ne sont pas considérés comme des facteurs prédictifs de l'estime de soi. Les résultats des analyses effectuées dans cette enquête révèlent la complexité et la spécificité des mécanismes impliqués dans la résistance à la victimisation par les pairs et de la discrimination.

Mots-clés: résilience, contexte scolaire, Victimisation, poids, niveau socio-économique.

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento teórico	3
1.1. Definição de vitimização entre pares ou <i>bullying</i>	3
1.2. Tipos e contextos de vitimização entre pares	4
1.3. Vitimização entre pares em função do peso	5
1.4. Vitimização entre pares em função do nível socioeconómico	6
1.5. Desenvolvimento da resiliência perante comportamentos de vitimização entre pares	8
1.5.1. O estudo e a definição de resiliência	8
1.5.2. Fatores relacionados com a resiliência	9
1.5.2.1. Fatores ou mecanismos de risco	10
1.5.2.2. Fatores ou mecanismos de proteção	12
2. Método	16
2.1. Objetivos	16
2.2. Amostra	16
2.3. Procedimento de recolha e análise de dados	17
2.4. Instrumentos	18
3. Resultados	21
4. Discussão dos resultados	26
5. Referências bibliográficas	33
6. Anexos	42

Introdução

O *bullying* ou vitimização entre pares é um fenómeno social cada vez mais abordado nos meios de comunicação social, devido à frequência com que ocorre e às consequências negativas graves que pode originar, quer para a vítima, quer para o agressor.

Estudos realizados em vários países revelam que os comportamentos de *bullying* são comuns (Bosworth et al., 1999) e que pelo menos 15% dos jovens em idade escolar estão envolvidos nesses comportamentos (Sudermann et al., 2000). A sua frequência diminui, contudo, com o aumento dos anos de escolaridade (DeHaan, 1997; Olweus, 1993; Salmon, James & Smith, 1998). De acordo com Serrate (2009), as idades onde se verificam mais episódios de *bullying* são entre os 12 e os 14 anos, sendo que diminui tenuemente até aos 16 anos.

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de estudar os fatores protetores utilizados pelos jovens no contexto escolar, para conseguirem lidar com situações de vitimização entre pares ou *bullying*, devido ao seu nível socioeconómico (NSE) ou ao seu peso. Este estudo afigura-se da maior importância, não só para uma maior compreensão deste fenómeno no contexto atual nacional, mas também para permitir identificar as estratégias específicas a empreender para amortecer ou erradicar o seu impacto.

O interesse pelo nível socioeconómico deve-se ao facto de alguns autores, que se interessaram pelo estudo desta variável, terem afirmado que os alunos de um NSE mais baixo têm menos recursos disponíveis, o que os torna mais suscetíveis a serem vítimas de vitimização entre pares (Tippett & Wolke, 2014). O peso, por sua vez, foi estudado pelo facto de a imagem corporal ser bastante valorizada na nossa sociedade, em particular entre os mais jovens. A par deste aumento da valorização de um corpo perfeito, aumenta também o número de jovens obesos, que sofrem de *bullying* pelos seus colegas. Tal como observaram, por exemplo Jansen et al. (2004), a obesidade, entre 15 e 17 anos, tem forte associação com atos de *bullying*. Do mesmo modo, os jovens que têm um peso abaixo da média para a sua idade também têm maior probabilidade de sofrer deste tipo de comportamentos, aumentando a probabilidade de ter repercussões negativas a curto, médio e longo prazo, embora os estudos sejam mais escassos.

Por essa razão, ao longo deste trabalho focamo-nos na vitimização entre pares em ambos os grupos-alvo, explorando aquelas que podem ser as semelhanças mas também as

diferenças não só nos seus padrões e efeitos, mas também nos fatores de proteção internos e externos que podem fazer a diferença no desenvolvimento de resiliência.

Este trabalho encontra-se dividido em duas partes distintas. Na primeira parte, situa-se o estudo em termos teóricos, abordando alguns conceitos essenciais, tais como: vitimização entre pares, discriminação, mecanismos de risco e proteção. A segunda parte é dedicada ao estudo empírico realizado neste âmbito, sendo caracterizado o método (amostra, procedimento e instrumentos), assim como os resultados empíricos observados. No final, estes resultados serão discutidos e as implicações para estudos e intervenção futuros serão sugeridas.

1. Enquadramento teórico

6.1. Definição de vitimização entre pares ou *bullying*

Para se poder prevenir ou resolver o problema do *bullying*, primeiramente é necessário defini-lo de forma clara. Os investigadores portugueses que se dedicaram ao estudo deste fenómeno têm traduzido *bullying* pelos termos *violência* ou *vitimização entre pares*.

A vitimização entre pares tem sido definida como uma forma de abuso, maus-tratos e/ou agressão em relação a uma criança ou adolescente perpetrada por parte dos seus pares (Kochenderfer & Ladd, 1996, cit in Freitas, 2016). O termo *bullying* começou a ser investigado por Dan Olweus, na década de 80. Este autor definiu-o como as situações em que um(a) aluno (a) está a ser provocado (a)/vitimizado(a), quando está exposto(a), repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas (Olweus, 1994). Considera-se uma ação negativa quando alguém intencionalmente causa, ou tenta causar, danos ou mal-estar a outra pessoa (Olweus, 1994). Estes atos intencionais, com o objetivo de os agressores sentirem que possuem o poder perante as vítimas, ao perdurarem no tempo, repercutem-se num conjunto de efeitos negativos que podem originar danos dramáticos, a vários níveis.

A partir desta definição original, outras definições do *bullying* foram sendo propostas pelo número crescente de autores que se interessaram por este fenómeno tão alarmante. Todos estes autores parecem concordar, contudo, com a existência de três critérios que definem o *bullying*: 1) a intencionalidade da conduta agressiva; 2) o seu carácter repetitivo e sistemático; 3) a desigualdade e desequilíbrio de poder entre as pessoas envolvidas, tendo o agressor mais poder do que a vítima (Bonds, 2000; Fontaine & Réveillère, 2004; Olweus, 1993; Pearce & Thompson, 1998; Pereira, 2002; Ramirez, 2001; Roberts & Morotti, 2000; Skiba & Fontanini, 2000; Smith, 1991; Vale & Costa, 1994; Watkins, 2002; Weinhold, 2000; Whitney & Smith, 1993).

1.2. Tipos e contextos de vitimização entre pares

De acordo com Braga e Lisboa (2010), a vitimização entre pares pode ocorrer de forma direta ou indireta, sendo a primeira mais praticada entre os meninos e a segunda entre as meninas.

A forma direta de vitimização entre pares, também designada pelo autor de *bullying* direto, ocorre “face a face”, ou seja, caracteriza-se por comportamentos de confrontação direta face ao sujeito-alvo, sendo os mais frequentes os físicos, os verbais e os de ameaça ou de intimidação (Committee for Children, 2002).

A forma indireta de vitimização, ou *bullying* indireto, segundo os mesmos autores, é mais usado pelas raparigas, sobretudo a partir dos 8 anos, quando se começam a dominar aptidões sociais de índole agressiva. O principal objetivo do *bullying* indireto é excluir socialmente ou manchar a reputação da criança-alvo no seio do grupo, através de uma diversidade de formas, como espalhar rumores sobre a vítimas ou destruir as suas amizades das vítimas através da manipulação. Neste caso, nem sempre existe um conhecimento por parte da vítima do seu agressor e pode ser mais difícil a identificação da situação como *bullying* (Committee for Children, 2002).

Fante e Pedra (2008) e Silva (2010) indicaram algumas atitudes que podem ser consideradas como formas diretas ou indiretas de praticar *bullying* ou vitimização entre pares: *físico e material* (bater, chutar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, ou destruir os bens materiais da vítima, atirar objetos contra ela), *verbal* (ofender, gozar, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas), *psicológico e moral* (irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar, discriminar, aterrorizar e ameaçar, intimidar, dominar, perseguir, difamar, fazer intrigas, sendo o último mais comum entre as meninas), *sexual* (abusar, violentar, assediar e insinuar) e *virtual* (gozar, discriminar, difamar, através da internet e de outras tecnologias, o denominado *cyberbullying*).

A vitimização entre pares pode ocorrer em qualquer contexto de interação social, tal como escolas, universidades, famílias, entre vizinhos e nos locais de trabalho (Bitencourt, 2011). No entanto, o contexto abordado neste estudo, e também o mais abordado na literatura, é a escola. Neste contexto, ocorre geralmente em locais onde a supervisão adulta é mínima ou inexistente (Psalti, 2005), sendo que na maioria das situações acontece no recreio, na hora do intervalo ou durante o almoço (Seals e Young, 2003), levando a que vítima não consiga queixar-se.

1.3. Vitimização entre pares em função do peso

Em Portugal, a taxa de prevalência de excesso de peso é de 53,6%, acima dos 18 anos de idade. Deste valor, 14,2% refere-se a casos de obesidade. A prevalência de excesso de peso em idade pré-escolar, escolar e na adolescência é de 31%, com 10% de casos de obesidade. Em crianças entre os 7 e os 9 anos de idade a prevalência de excesso de peso é de 31,5%, fazendo com que Portugal ocupe o segundo lugar na lista de prevalência de obesidade infantil na Europa (Carmo, Santos, Camolas, Vieira, 2008). Neste sentido, estar acima do peso numa realidade atual de valorização da aparência física e busca de um corpo perfeito, para além das consequências negativas para a saúde física e mental que acarreta, pode transformar o indivíduo num alvo de comportamentos de *bullying*, numa multiplicidade de contextos, sobretudo no contexto escolar.

Fante e Pedra (2008) e Silva (2010) explicam que os meios de comunicação social estabelecem um padrão de beleza discriminatório, fazendo com que muitos adolescentes que estão acima do peso ou que não se adequam ao padrão de beleza estabelecido sintam-se envergonhados e sejam encarados como ‘defeituosos’ ou ‘esquisitos’ pelos colegas.

O aumento da obesidade ao longo dos últimos anos, principalmente nas crianças e adolescentes, suscitou um grande interesse mundial pelo tema, a ponto de a Organização Mundial de Saúde definir a obesidade como uma epidemia mundial (WHO, 2000), que está associada a alterações físicas, nomeadamente doenças cardiovasculares, diabetes tipo II, deformações da coluna vertebral, complicações respiratórias e digestivas, neoplasias, cálculos biliares, distúrbios do sono, alterações metabólicas (problemas hormonais, gota), alterações psicológicas (baixo autoconceito e autoestima) e modificações estéticas (Pereira, 2007; Teles, Reis & Dias, 2008).

Apesar de esta temática ser bastante estudada, pela sua incidência atual, a sua relação com o *bullying* em vítimas adolescentes, ainda não motivou a realização de estudos empíricos no contexto português, sendo que os estudos existentes são mais focados no *bullying* em relação à obesidade infantil.

A relação entre obesidade e *bullying*, apesar de indireta, iniciou-se na década de 60, a partir da observação que pessoas obesas tendem a atrair rejeição, estigmatização e efeitos negativos pelo facto de serem obesas, sendo estereotipadas de preguiçosas. Essa estigmatização aumenta os efeitos negativos nas relações sociais dos indivíduos obesos, que tendem a isolar-se dos outros (Costa et al., 2012). A partir da década de 90, surgiram

novos estudos, já com a utilização do termo *bullying* associado de forma direta à obesidade, de acordo com Lopes Neto (2005). Os trabalhos de maior destaque são o de Olweus (1993), Smith e Sharp (1994), Ross (1996) e Rigby (1996). Esses estudos indicaram que a prevalência de estudantes obesos vítimas de *bullying* variava de 8 a 46%, e a de agressores, de 5 a 30%. Borges et al. (2000) afirma que os adolescentes obesos tendem a revelar uma baixa de autoestima, isolamento social, depressão e problemas de comportamento. A depressão destes adolescentes manifesta-se por sintomas, que podem ser sentimentos de rejeição, auto-desvalorização, negativismo, ideação e/ou intenção suicida (Passos & Machado, 2002, 231).

A obesidade é uma das condições de saúde mais estigmatizadas da sociedade contemporânea (Lewis et al., 2010), onde se verifica uma realidade social de rejeição pessoal e discriminação que influencia o funcionamento psicológico do indivíduo com obesidade, existindo uma aversão à gordura, que compromete a autoestima e a autoimagem, quer em crianças, quer em adultos (Almeida, Loureiro & Santos, 2002; Barlow, 1993/1999; Bucla- Casal, 1991; Wardle & Cooke, 2005). No entanto, estudos indicam que o efeito da obesidade ou excesso de peso sobre o *bullying* interage com o NSE. Os jovens com um estatuto social mais elevado tendem a estar mais protegidos do *bullying* associado ao seu excesso de peso corporal e obesidade (Goodman et al, 2001).

Existem também alguns estudos, embora escassos, que relacionam a vitimização entre pares não só ao excesso mas também ao baixo peso das vítimas.

1.4. Vitimização entre pares em função do nível socioeconómico

O NSE é um conceito complexo, e diz respeito aos recursos (materiais e sociais), estatuto social do indivíduo, indicadores de posição socioeconómica, que podem ser medidos através de indicadores económicos e sociais (individual, familiar e de vizinhança) e em diferentes momentos. As medidas mais comuns incluem a avaliação do nível de habilitações literárias, salário e/ou ocupação profissional, do próprio ou, no caso de menores, da família (Tippett & Wolke, 2014).

No contexto escolar, alguns autores argumentam que os fatores estruturais, como a desigualdade socioeconómica (Chaux, Molano, & Podlesky, 2009) estão associados a elevadas taxas de agressão, como é o caso do *bullying*.

Tippett & Wolke (2014) realizaram um estudo meta-analítico onde examinaram se o NSE poderia ser usado para identificar quais as escolas ou as crianças que estão em maior risco de sofrerem *bullying*. No seu estudo, eles fizeram uma revisão sistemática da literatura publicada sobre o *bullying* escolar e nível socioeconómico. Foram identificados 28 estudos que revelaram uma associação entre os intervenientes no *bullying* escolar (*bully*, vítima e *bully-vítima*) e medidas de NSE. Segundo os estudos realizados, as vítimas e *bully-vítimas* têm maior probabilidade de virem de NSE mais baixos.

No caso específico das vítimas, a literatura associa o *bullying* com baixos níveis de ocupação profissional e qualificação escolar dos pais, assim como a existência de dificuldades económicas. Nesta revisão sistemática os autores tinham como objetivo determinar com maior profundidade a natureza exata e a força da relação entre NSE e *bullying*, através de uma meta-análise. Os resultados também indicam relações mais fortes entre baixo NSE e vitimização, relatados em estudos longitudinais. O facto de os alunos serem de um NSE mais baixo significa que têm menos recursos disponíveis, tornando-os menos capazes de lidar com a situação e mais suscetíveis a serem vítimas de *bullying* pelos seus pares (Tippett & Wolke, 2014).

Em estudos transversais realizados na Europa e América do Norte, verificou-se também uma forte associação negativa entre a vitimização e NSE. Isto deve-se ao facto de alunos com maior NSE possuírem mais recursos intelectuais, como conhecimentos gerais e específicos, associados a um método educativo que promove mais assertividade e autonomia na resolução de problemas. As competências sociais e estratégias de *coping* mais típicas das crianças e jovens de NSE superior parecem reduzir a sua probabilidade de serem vítimas de relações negativas com os pares (Tippett & Wolke, 2014).

Não obstante, apesar de terem sido observadas associações significativas entre as medidas de NSE e *bullying*, elas parecem ser fracas (Tippett&Wolke, 2014), o que pode dever-se a uma falta de atenção por parte dos investigadores entidades escolares para este fenómeno e/ou à probabilidade de muitas das escolas poderem ser homogéneas do ponto de vista socioeconómico. Em geral, as escolas públicas no contexto nacional não são tão homogéneas como as dos EUA, daí a necessidade deste estudo no sentido de compreender se resultados semelhantes serão observados no contexto atual português.

1.5. Desenvolvimento da resiliência perante comportamentos de vitimização entre pares

As consequências de atos agressivos continuados podem ser extremamente graves para as vítimas, incluindo uma diminuição drástica da sua autoestima, aumento do stress e sintomas depressivos, absentismo escolar, podendo mesmo, em casos mais extremos, levar ao suicídio (e.g., Dreyer (2004)).

Em termos fisiológicos, a experiência de *bullying* torna-se traumática e marcante para as vítimas, dando origem a diversos danos como tensão nervosa, crises de ansiedade, pesadelos, dores de cabeça, e estômago. Em termos sociais, também poderão ocorrer alterações do seu comportamento, resultante das situações vivenciadas, como o aparecimento de negativismo, cólera, timidez, alteração na capacidade de concentração e consequente aprendizagem, e fobias, alterando toda a sua vida quotidiana (Ramirez, 2001).

As consequências a longo prazo poderão ser particularmente nefastas para as vítimas, pois estas, caso não consigam adaptar-se, terão uma vida repleta de isolamento, infelicidade, medo, baixa autoestima e baixa autoconfiança, repercutindo-se num difícil ajustamento à vida adulta aos seus relacionamentos íntimos (Ramirez, 2001).

O facto de a vitimização entre pares ser um fenómeno negativo levou a que se desse também cada vez mais importância aos mecanismos de *coping* e aos processos de resiliência face ao risco que acarreta. De facto, apesar de algumas vítimas experienciarem situações que poderão deixar marcas a longo prazo e ter repercussões negativas no seu bem-estar e ajustamento social, outras podem manifestar resiliência perante este fator de risco (Freitas, 2016).

1.5.1. O estudo e a definição de resiliência

A origem do conceito resiliência encontra-se na expressão latina *resilire*, que significa saltar para trás, voltar, ser relançado e remete para a ideia de elasticidade e de rápida capacidade de recuperação. O termo surge, inicialmente, nos campos da Física e da Engenharia, associado à capacidade máxima de um material para suportar tensão sem se deformar de maneira permanente (Agaibi, 2005).

O termo resiliência começou a ser estudado na Psicologia na década de 50, embora só tenha sido popularizado na década de 70 (Coimbra & Fontaine, 2015), quando um grupo de pesquisadores começou a perceber o fenómeno da adaptação positiva entre os subgrupos de crianças que eram considerados de risco, no que diz respeito à psicopatologia

(Masten, 2001). Nesta altura, questionava-se o que distinguia as crianças que, numa situação semelhante de risco social, se adaptavam positivamente, das que não se adaptavam (Kaplan, 1999).

A resiliência não pode ser estudada e entendida como absoluta ou inata, mas sim como uma capacidade resultante de um processo dinâmico e evolutivo que varia conforme as circunstâncias, a natureza humana, o contexto e a etapa do ciclo vital, variando também de diferentes maneiras nas diferentes culturas. Neste sentido, a resiliência não é uma qualidade que está sempre presente ou que possa ser definida universalmente, mas, antes, terá que ser tido em conta os diferentes contextos e a população estudada (Fergusson & Zimmerman, 2005; Masten, 2001).

Masten (2001) define resiliência como o processo de, a capacidade para, ou o resultado de uma adaptação bem-sucedida, face a circunstâncias desafiadoras ou ameaçadoras.

Rutter (1985), um dos pioneiros do estudo da resiliência psicológica, também a definiu como a competência e capacidade de adaptação do indivíduo, que lhe permite superar com sucesso o stress e a adversidade, corroborando a ideia de tratar-se de um processo dinâmico onde interagem recursos internos e externos com o objetivo de modificar os efeitos do risco e, assim, favorecer um ajustamento bem-sucedido.

Os indivíduos considerados resilientes conseguem ser capazes de, perante um acontecimento mais negativo, de manter “níveis relativamente estáveis e saudáveis de funcionamento psicológico e físico” (Bonanno, 2004, p. 20, cit in Coimbra & Fontaine, 2010). Segundo alguns autores, para existir resiliência é necessária uma melhoria do ajustamento, um aumento desenvolvimento perante a adversidade, e não apenas passar ileso pelas experiências de exposição ao risco (Clarke & Clarke, 2003; Olsson, Bond, Burns, Vella-Brodrick, & Sawyer, 2003, cit in Coimbra & Fontaine, 2015).

Para além disso, a resiliência é um processo que pode ser desenvolvido por qualquer pessoa, desde que apresente recursos internos e externos adequados, e manifesta-se na capacidade de lidar com situações adversas. Isto é, de alcançar bons resultados em termos de ajustamento apesar da exposição considerável ao risco (Masten, 2001; Masten & Obradovic, 2006).

1.5.2. Fatores relacionados com a resiliência

A resiliência é um amplo “guarda-chuva” conceitual que abarca muitos conceitos relacionados com padrões positivos de adaptação no contexto de adversidade (Masten &

Obradovic, 2006). A resiliência corresponde, por conseguinte, a um dos quatro perfis possíveis resultantes da interação entre o nível de risco experienciado e o nível de ajustamento apresentado (Coimbra, 2008; Dumont & Provost, 1999; Herman-Stahl & Petersen, 1996; Luthar, 1991; Masten et al., 1999; Werner, 1993, cit in Freitas, 2016). Assim sendo, destacam-se quatro grupos fundamentais: resiliente (alto risco e alto ajustamento), de risco ou mal-adaptado (alto risco e baixo ajustamento), adaptado ou não desafiado (baixo risco e alto ajustamento) e desadaptado ou vulnerável (baixo risco e baixo ajustamento) (Coimbra & Fontaine, 2015; Fergus & Zimmerman, 2005; Masten & Reed, 2002).

Para além disso, são três os principais modelos que têm sido referidos na literatura acerca da forma como os fatores de proteção podem promover a resiliência em situação de exposição ao risco (Fergus e Zimmerman, 2005): compensatório, de proteção e de desafio. O modelo compensatório diz respeito a uma compensação entre os fatores de proteção e de risco. Quando as capacidades e recursos do indivíduo moderam ou reduzem os fatores de risco estamos perante o modelo de proteção da resiliência. Já no terceiro modelo, o de desafio, os fatores de risco e de proteção são a mesma variável, sendo que, a possibilidade de se tornarem fatores de risco ou de proteção, depende do nível de exposição aos riscos (Fergus e Zimmerman, 2005).

Assim, um baixo nível de exposição aos riscos não permite a promoção de capacidades, nem a aplicação de recursos protetores para outras adversidades maiores. Entretanto, um alto nível de exposição ao risco pode deixar o indivíduo demasiado frágil, desiludido e angustiado, impedindo-o de conseguir suportar as adversidades. Um nível moderado de exposição ao risco seria, então, o ideal para obter uma resposta de enfrentamento, na qual o indivíduo aprende a superar a adversidade (Fergus e Zimmerman, 2005).

1.5.2.1. Fatores ou mecanismos de risco

Não se pode considerar que um indivíduo seja resiliente se não existir uma ameaça ou um risco sério ao seu normal desenvolvimento. A Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu em 1973 fatores de risco como “características ou condições de vida de uma pessoa ou de um grupo que as expõe a uma maior probabilidade de desenvolver um processo mórbido ou de sofrer os seus efeitos” (1973, cit. in Malpique, 1999, p. 11).

De acordo com Rutter (1987, cit. in Judge, 2005), o risco deve ser pensado enquanto processo, pois uma condição de risco não pode ser assumida *a priori* como afetando apenas negativamente o desenvolvimento, sem considerar a existência de fatores mediadores ou moderadores que podem contrariar esse “fatalismo”.

Por outro lado, muitas vezes um fator de risco isoladamente, por si só, não surte um efeito negativo, mas sim na conjugação com outros fatores de risco ou circunstâncias negativas. De facto, o risco de vulnerabilidade aumenta exponencialmente com a acumulação destes fatores (risco acumulado) (Rutter, 1987, cit. in Judge, 2005).

No âmbito do contexto familiar, têm sido referidos enquanto fatores de risco o conflito parental (Coleman & Hagell, 2007; Haskett, Nears, Ward, & McPherson, 2006; K. Kumpfer & Alvarado, 2003; Maia & Williams, 2005), a pobreza, e os cuidados parentais pobres (Garnezy, 1993). Para além disso, existem algumas características do ambiente familiar que podem aumentar a probabilidade de uma criança ser vítima de *bullying*, e que também podem aumentar a propensão desta maltratar os pares, nomeadamente, falta de carinho, indefinição clara de limites para o comportamento agressivo relativamente a colegas e adultos, demasiada liberdade, utilização de métodos educativos assertivos com base numa relação de poder: castigos físicos e emocionais violentos (Beane, 2011). Assim, a ausência de um dos progenitores ou ausência de um bom entendimento afectivo entre o casal e filhos, poderá ser uma das causas para a falta de empatia entre as crianças e os seus colegas, suscitando maior probabilidade de se tornarem vítimas (Botelho & Souza, 2007).

Entre os fatores de risco mais referidos ao nível escolar, está o ambiente escolar e a falta de recursos (Coleman & Hagell, 2007; Gutman, 2008), mas também a rejeição pelos pares e o isolamento social (Gutman, 2008; Maia & Williams, 2005; Pereira, 2008; Ungar, 2003). Segundo Stephenson, Smith e Elliot (1994, cit in Beane, 2011), existe uma diversidade de fatores no contexto escolar que poderão contribuir para a vitimização entre pares, nomeadamente, normas de conduta pouco claras, métodos disciplinares inconsistentes, fraca organização na sala de aula e áreas recreativas, intolerância face às diferenças, entre outras. O método utilizado de forma frequente para intervir na indisciplina na escola é o da repressão, mas este tipo de método só funciona com sujeitos que temem a autoridade, e/ou ainda são punidos pelas suas atitudes (Cham, 1996, cit in Barros, 2010).

No contexto comunitário, é frequente a literatura fazer referência, mais uma vez, à pobreza (Bagdi & Pfister, 2006; Sameroff & Seifer, 1990, cit. in Cáceres et al., 1997;

Clauss-Ehlers, 2008; Davydov et al., 2010; Maia & Williams, 2005; Pesce et al., 2004), como um fator de risco.

No presente estudo, consideramos algumas variáveis como fatores de risco, não só os vários tipos de vitimização (física, social, verbal e ataque à propriedade), mas também a percepção da discriminação, que inclui dois fatores específicos: o tratamento injusto e a rejeição pessoal, embora apenas iremos utilizar a variável rejeição pessoal nas análises. “A percepção de discriminação define-se como a avaliação de uma ação como injusta ou imerecida, explicada pela pertença de uma pessoa a um grupo socialmente estigmatizado” (Major & Sawyer, 2009, cit in Freitas, 2016, p. 288). A percepção de um tratamento injusto e de rejeição pessoal afiguram-se como mecanismos de risco incontornáveis para crianças, jovens e adultos. Assim, torna-se necessário avaliar quais os contextos onde ocorrem estas situações e a multiplicidade de manifestações, de forma a planear projetos de intervenção eficientes, com as pessoas adequadas.

Diversos estudos têm demonstrado o impacto negativo da percepção de discriminação na saúde física, mental, e em dimensões do bem-estar, tais como a satisfação com a vida e autoestima (e.g., Schmitt et al., 2014). Não obstante, é o fenómeno da resiliência que impõe uma mudança de foco para os fatores protetores, enquanto variáveis moderadoras do impacto do risco.

1.5.2.2. Fatores ou mecanismos de proteção

Os fatores de proteção referem-se a algo que modifica os efeitos do risco numa direção favorável, tendo assim conotações positivas (Luthar, Sawyer & Brown, 2006). De acordo com um estudo de Grossman et al. (1992), na fase da adolescência, os fatores de proteção mais comuns são as ligações fortes estabelecidas com a família, os bons relacionamentos entre pares e os próprios recursos internos do adolescente. Assim sendo, a promoção da resiliência ocorre através da promoção e desenvolvimento de um conjunto de recursos internos mas também externos, como os familiares, da comunidade e da cultura.

Rutter (2005) afirma que os fatores de proteção só devem ser definidos como moderadores do resultado em relação a um conjunto de riscos específicos. A identificação dos mecanismos de proteção específicos perante cada adversidade é essencial, pois é o ponto de partida para que estes possam ser alvo de promoção para a prevenção e intervenção facilitadores de um ajustamento positivo.

Rutter (1990, cit. in Drapeau et al., 2007) identifica quatro funções de mediação ou moderação associadas aos processos de proteção: a redução do impacto do risco (através da alteração do significado do risco para a pessoa ou da alteração da exposição da pessoa ao risco); a redução da cadeia de reações negativas (contrariando a perpetuação e majoração dos efeitos do risco); o estabelecimento e manutenção da autoestima e da autoeficácia (pelo estabelecimento de relações de vinculação seguras e pelo cumprimento de tarefas com sucesso) e a abertura de novas possibilidades de desenvolvimento pessoal (para reverter os efeitos de stress).

Não obstante a especificidade dos fatores ou mecanismos de proteção, na fase da adolescência, os fatores de proteção mais comuns são os laços fortes estabelecidos com a família, os bons relacionamentos interpessoais e os próprios recursos internos do adolescente (Grossman et al., 1992). Assim sendo, a promoção da resiliência ocorre através da promoção e desenvolvimento de um conjunto de recursos internos ou intrapessoais mas também externos, como os familiares, da comunidade e da cultura.

a) Mecanismos de proteção individuais

Entre os fatores de proteção individuais mais referidos na literatura encontramos a auto-estima (Haase et al., 1999, cit. in Ahern, 2006; Buehler, 2004, cit. in Aisenberg & Herrenkohl, 2008; Daining & DePanfilis, 2007; Drapeau et al., 2007) e as estratégias de *coping* (Haase, 2004; Compas, Malcarne & Fondacaro, 1988, cit. in Legault et al., 2006; Little et al., 2004).

Resultados de um estudo realizado no contexto nacional sugerem que, para os perfis de adaptação de jovens que sofreram algum tipo de violência (Externamente e Internamente Desajustados, Resiliente e Em Risco) são o maior uso de estratégias mais positivas (e.g., *coping* ativo ou a reinterpretação positiva) que parecem contribuir mais para a resiliência (Freitas, 2016).

No caso específico da autoestima, trata-se de “um fator promotor do ajustamento positivo perante a adversidade (Masten et al., 1999), nomeadamente a vitimização por pares (McVie, 2014). Esta diz respeito a um olhar avaliativo para si próprio, que pode ser positivo – sujeitos que avaliam que têm valor e são respeitados pelos outros – ou negativo – autodesvalorização e falta de satisfação consigo próprio” (Azevedo & Faria, 2004, cit in Freitas, 2016, p. 43). Os estudos sobre a vitimização entre pares e a discriminação revelam

que as variações na autoestima também dependem da violência sofrida (Hawker & Boulton, 2000; Overbeek, Zeevalkink, Vermulst, & Scholte, 2010, cit in Freitas, 2016). No presente estudo, a autoestima será considerada como um indicador de ajustamento interno, corroborando os estudos centrados na violência entre pares e discriminação.

As características da personalidade também têm sido estudadas enquanto mecanismo de promoção do ajustamento em situações de adversidade (Shiner & Masten, 2012, cit in Freitas, 2016). Apresentar uma personalidade com forte emocionalidade negativa ou instável (ansiedade, preocupação, depressão, hostilidade), demonstrou ter uma função debilitadora do ajustamento perante situações de adversidade (Masten et al., 1999, cit in Freitas, 2016). Neste estudo, decidimos avaliar a personalidade ansiosa, como possível mecanismo de risco perante a violência social.

Uma outra variável estudada neste trabalho são as estratégias de *coping*, que constitui uma dimensão largamente estudada nos estudos da resiliência (Vanderbilt-Adriance & Shaw, 2008, cit in Freitas, 2016). Numa proposta clássica, Lazarus e Folkman (1984) definem o *coping* como o conjunto de esforços comportamentais e cognitivos, em mudança constante, que visam gerir exigências internas ou externas específicas, e que excedem os recursos pessoais. Um *coping* adequado a determinada situação origina um ajustamento adequado. Como evidência desse ajustamento encontramos o “bem-estar, o funcionamento social, e a saúde somática” (Lazarus, DeLongis, Folkman, & Gruen, 1985, p. 770, cit in Freitas, 2016). Segundo estes autores, o *coping* é centrado no processo em vez de no traço, e distingue-se dos comportamentos automáticos adaptativos. As estratégias de coping representam os esforços comportamentais ou cognitivos que visam gerir exigências específicas (internas ou externas) consideradas como excedendo os recursos pessoais – experiências stressantes (Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis, & Gruen, 1986; Ribeiro & Rodrigues, 2004, cit in Freitas, 2016).

Não obstante, as estratégias de *coping*, ou seja, os recursos cognitivos, emocionais e comportamentais que o indivíduo emprega na tentativa de lidar com eventos stressores, também parecem ter influência em situações de stress (Lisboa & cols., 2002), como é o caso das situações de vitimização entre pares. Os comportamentos associados ao *coping* começaram a ser investigados a partir da década de 1960, por Lazarus e Folkman (Folkman & Lazarus, 1980, 1985; Lazarus & Folkman, 1984). Conforme o modelo desses autores, o processo de *coping* envolve quatro características principais: (a) interação entre o indivíduo e o ambiente; (b) existência de administração da situação causadora de stress, ao invés do controlo ou domínio da mesma; (c) pressupõe a noção de avaliação, ou seja,

como o fenómeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado na vida do indivíduo; (d) mobiliza esforços, através dos quais os indivíduos irão empreender esforços cognitivos e comportamentais interagirem com o ambiente.

“No que diz respeito à vitimização pelos pares, a literatura tem também começado a focar-se na autoculpabilização perante a vitimização e alguns estudos revelam que esta se correlaciona com a autoculpabilização (autocriticismo), pelo que quanto maior a frequência de atos agressivos, maior a percepção de responsabilização do sujeito sobre os mesmos (Catterson & Hunter, 2010; Schacter, White, Chang, & Juvonen, 2015, cit in Freitas, 2016). Assim, estudos sugerem que quando os adolescentes vítimas atribuem a vitimização a características intrínsecas, que são percebidas como incontrolláveis e estáveis (versus os seus comportamentos), apresentam maior depressão, ansiedade e solidão e menor autoestima” (Graham & Juvonen, 1998; Graham, Bellmore, Nishina, & Juvonen, 2009; Schacter et al., 2015, cit in Freitas, 2016, p.47).

b) Mecanismos de proteção externos

No estudo da relação entre *bullying* e resiliência, surgem algumas questões importantes de serem desenvolvidas: *Os alunos vítimas de bullying têm influência de figuras significativas na promoção de resiliência? Como se caracteriza a relação afetiva e a interação desses alunos vítimas com essas figuras significativas?*

As pessoas com capacidade de resiliência têm o suporte de figuras significativas ou “tutores de resiliência” (Cyrulnik, 2001), que podem ser uma ou mais pessoas, da família ou fora dela, mas que aceitam a vítima, independentemente das suas características de personalidade, inteligência ou aspeto físico. Werner e Smith (1992) realçam os resultados das pesquisas longitudinais, que mostram que entre 50 a 70% dos jovens se tornam adultos interessados e produtivos, mesmo tendo um ambiente familiar e circunstâncias comunitárias difíceis. Contudo, tal não significa que a família e a comunidade não sejam importantes na construção da resiliência. As características familiares que marcam pela diferença, segundo essa mesma investigação longitudinal de Werner e Smith (1992, 2001), são as relações próximas com pelo menos uma figura parental cuidadora, com autoridade, mas também carinhosa, que providencia estrutura, e que possui expectativas altas.

Um estudo sobre fatores de risco e de proteção realizado por Li, Nussbaum e Richards, (2007) com uma amostra de 263 adolescentes afro-americanos residentes em meio urbano desfavorecido, demonstrou que as variáveis individuais e familiares são

fatores protetores, e que a autoconfiança e o apoio familiar estão associados a reduções dos efeitos prejudiciais da pobreza da comunidade.

Nesta relação, não é só importante o que é dito, mas sim a forma como se diz, que influencia o comportamento da vítima, embora ela também precise de ter noção da necessidade dos seus próprios esforços de valorização pessoal, para poder ultrapassar a situação. Torna-se também importante a existência de uma relação de amor e confiança, a fim de oferecer encorajamento e segurança para as vítimas conseguirem enfrentar situações de agressão (Melillo & Ojeda, 2005).

Neste estudo avaliamos a percepção dos adolescentes sobre a qualidade das relações com as suas mães e com os seus pais, nomeadamente o conflito e a admiração sentida.

2. Método

2.1. Objetivos

Com base na revisão teórica apresentada previamente neste estudo, iremos abordar nesta secção do trabalho a parte metodológica. Este estudo terá como base orientadora dois objetivos principais.

1: Explorar as diferenças no ajustamento (auto-estima), nos mecanismos de risco (na vitimização e na percepção de discriminação), e nos mecanismos de proteção individuais (ansiedade, coping activo, culpabilização, reinterpretação positiva) e familiares (conflito e admiração) entre jovens alvo de vitimização por pares por causa do seu peso e do seu NSE e não vítimas.

2: Avaliar os principais preditores da autoestima (indicador de ajustamento interno) nos jovens alvo de vitimização por pares em função do seu peso e do seu NSE e não vítimas.

2.2. Amostra

A amostra deste estudo é uma subamostra, recolhida através do estudo de doutoramento da doutora Daniela Freitas, cujo tema versa a *“Resiliência perante a violência social: perfis de ajustamento e mecanismos de proteção”*. Da amostra total, de 2975 participantes, foram seleccionados os participantes deste estudo, que responderam ao questionário, e na escala de discriminação que seleccionaram que sofriam de atos de

discriminação “Muitas vezes” ou “Quase sempre”, e cujo motivo de discriminação teria sido o seu peso ou nível económico ou educacional. Foram também selecionados participantes aleatoriamente que não sinalizaram nenhum motivo de discriminação. Assim sendo, depois de selecionados os participantes, a amostra é de 292 participantes, sendo que 117 (40.1%) fazem parte do grupo de vítimas em função do peso, 72 (24.7%) vítimas em função do NSE e 103 (35.3%) que fazem parte do grupo que não se percecionou como vítima de discriminação.

A idade média da amostra ($N = 291$) é de 16.6 anos ($M=16.6$, $DP = 1.31$), sendo que a idade mínima é de 14 anos e máxima de 21 anos. No grupo de vítimas em função do peso a idade média da amostra é de 16.49 anos ($M=16.49$, $DP= 1.36$), a idade mínima de 14 anos e máxima de 20 anos. No grupo de vítimas em função do NSE a idade média é de 16.72 ($M=16.72$, $DP=1.78$), sendo que a idade mínima é de 15 anos e máxima de 21 anos.

No grupo das não vítimas, a idade média é de 16.66 ($M=16.66$, $DP= 1.20$), a idade mínima é de 14 anos e máxima de 19 anos. Em termos de sexo 61.6% da amostra são do sexo feminino e 38,0% do sexo masculino. No grupo de vítimas em função do peso existem 75 raparigas (64.1%) e 42 rapazes (35.9%). Do grupo de vítimas em função do NSE fazem parte 43 raparigas (59.7%) e 29 rapazes (40.3%). No grupo das não vítimas existem 62 raparigas (60.2%) e 40 rapazes (38.8%).

A maioria dos participantes estuda em cursos científico-humanísticos (82.2%). Cerca de 94,9% nasceram em Portugal, sendo que 56,5% vivem no distrito de Lisboa e 43,5% no distrito do Porto. Em termos de descrição étnica/racial, 92.5% são brancos, 4.8% negros, 0.3% mestiços e 0.3% com outra descrição (e.g., asiática, europeia, americana);

No que diz respeito ao nível de qualificações parentais, na subamostra selecionada, 43.8% dos participantes têm a mãe com o ensino básico obrigatório, e 45.5% têm o pai com o mesmo nível de qualificações. Cerca de 30.1% têm a mãe com o ensino secundário, e 25.3% têm o pai com o mesmo nível. Quanto à graduação universitária, cerca de 22.6% dos participantes têm a mãe e 22.3% têm o pai com qualificação de ensino superior.

2.3. Procedimento de recolha e análise de dados

O procedimento de recolha de dados do estudo de doutoramento envolveu a colaboração de 24 estabelecimentos de ensino do nível secundário situados nas áreas metropolitanas de Lisboa (61.1%) e do Porto (38.9%), e ocorreu através do preenchimento por parte dos alunos, de um protocolo de recolha de dados, em contexto de sala de aula.

A análise de dados visava comparar os 3 grupos (vítimas em função do peso, NSE e não vítimas) nas variáveis de risco, proteção interna e externa. Como tal, utilizámos a ANOVA intersujeitos, para verificar as diferenças significativas entre os grupos, e para identificar os preditores da autoestima utilizámos a regressão linear múltipla. Os dados foram analisados com recurso ao teste *post-hoc Games-Howell*, ou Tukey, consoante a existência de homogeneidade das variâncias ou não, sendo que o valor reportado foi o valor F da Anova, ou uma das correções – a de *Welch*.

2.4. Instrumentos

Os dados quantitativos foram recolhidos em apenas um momento, através de instrumentos contidos num questionário, que versavam sobre dimensões essenciais no quadro teórico da resiliência: (1) os mecanismos de risco, (2) os mecanismos de proteção e (3) os indicadores de ajustamento. Além das variáveis psicossociais, foram também recolhidas informações relativas ao sexo/ género, idade, nível de qualificações parentais, orientação sexual, descrição étnica e racial, nacionalidade e religião dos participantes e elementos sobre a condição de saúde.

2.4.1. Mecanismos de Risco

O risco considerado no presente estudo foi a vitimização entre pares, que foi avaliada com recurso a duas formas de vitimização, uma de vitimização pelos pares (*bullying*) e outra relativa à perceção de tratamento diferencial negativo (discriminação).

A vitimização por pares foi avaliada com recurso à versão portuguesa da *Peer Victimization Scale* (Mynard & Joseph, 2000; Veiga, 2007, cit in Freitas, 2016), que já havia sido adaptado à população portuguesa (Veiga, 2007, cit in Freitas, 2016) e avalia quatro tipos de violência importantes para o presente estudo: a vitimização física, verbal, social e os ataques à propriedade. Cada uma destas dimensões foi avaliada com 4 itens, em que se optou por apresentar uma escala de resposta de tipo Likert com 5-pontos (1 - *nunca*, 2 - *raramente*, 3 - *por vezes*, 4 - *bastantes vezes*, 5- *com muita frequência*). A escala demonstrou no geral boas propriedades psicométricas, sendo que as subescalas de vitimização apresentam resultados semelhantes e satisfatórios: vitimização verbal com α de Cronbach =. 937, vitimização de ataques à propriedade com α de Cronbach =. 861,

vitimização física com α de Cronbach = .705, vitimização social com α de Cronbach = .870.

Para avaliar a percepção de discriminação utilizou-se a *Everyday Discrimination Scale* (Williams et al., 1997, Freitas et al., 2015). Nas instruções do instrumento é solicitado aos participantes que indicam ter sofrido, pelo menos algumas vezes por ano, algum dos atos descritos nos itens, que se pronunciem sobre qual consideravam ser o principal motivo para essa discriminação. As opções de resposta incluíam diversos fatores possíveis referidos na literatura, tais como sexo, etnia/raça, peso ou orientação sexual, nível económico ou educacional. Foi a partir desta escala que foram selecionados os participantes do presente estudo, que atribuíram a percepção de discriminação em função do seu peso e nível económico ou educacional.

Enquanto no estudo inicial do instrumento, esta escala é unidimensional, a adaptação evidenciou uma estrutura em 2 fatores. Estes foram designados de *Tratamento Injusto* e *Rejeição Pessoal* e ambos os fatores apresentaram valores de consistência interna também satisfatórios (α de Cronbach > .831 para o tratamento injusto e α de Cronbach > .78 para a rejeição pessoal). Neste estudo vamos analisar apenas a variável rejeição pessoal, por apresentar um resultado de correlação mais elevada e significativa.

Para além disso, foram utilizados dois itens do Inventário de Acontecimentos de Vida: (1) ter sido vítima de *bullying* e (2) ter sido vítima de discriminação. Em relação a estes dois acontecimentos, os participantes teriam de indicar se alguma vez estas situações ocorreram com eles com base nas seguintes opções de resposta: *Nunca aconteceu* ou *Aconteceu (há mais de 3 anos ou há menos de 3 anos)*.

2.4.2. Indicadores de ajustamento

Para a avaliação do ajustamento perante os mecanismos de risco, considerou-se neste estudo como indicador apropriado para avaliação do ajustamento interno, a autoestima, avaliada pela versão portuguesa da *Rosenberg Self-esteem Scale* (Rosenberg, 1965, citado em Azevedo & Faria, 2004; e em Dias & Fontaine, 2001).

Sendo um instrumento com 10 itens, a adaptação à amostra do estudo de doutoramento, revelou um ajustamento satisfatório após a exclusão de dois itens, devido a baixos pesos fatoriais, pelo que foram utilizados apenas oito itens na amostra presente. Na presente amostra, o instrumento com oito itens apresenta também um valor de consistência interna satisfatório de .865).

2.4.3. Mecanismos de proteção

Os mecanismos de proteção deste estudo estão divididos em mecanismos de proteção individual e mecanismos de proteção externos, ao nível familiar. Ao nível individual, foi considerado neste estudo a personalidade ansiosa (baixa), bem como a utilização de diversas estratégias de *coping*, a autoculpabilização (baixa) e reinterpretação positiva.

No que diz respeito à personalidade ansiosa, esta foi avaliada com recurso à versão portuguesa da subescala da Ansiedade do *Neuroticism, Extraversion, Openness Personality Inventory Revised* (NEO-PI-R, Costa & McCrae, 2000; Lima & Simões, 2006, cit in Freitas, 2016). Esta subescala, com 8 itens, manifestou um valor satisfatório, ainda que o mais baixo observado no presente estudo ($\alpha = .685$).

Para avaliar o uso de diferentes estratégias de *coping* foi utilizada a versão portuguesa da escala *Brief COPE* (Carver, 1997; Ribeiro & Rodrigues, 2004, cit in Freitas, 2016). Este instrumento avalia 14 estratégias de *coping* em 28 itens (dois itens em cada subescala). No entanto, apenas foram estudadas para a amostra do presente estudo as dimensões *coping* activo, autocupabilização e reinterpretação positiva, devido à literatura relacioná-las mais com o tema do *bullying* e por isso estarem mais associadas aos objetivos do estudo. Para todas as dimensões foram observados valores aceitáveis de consistência interna: *coping activo* com α de Cronbach = .784), autocupabilização com α de Cronbach de .779), e reinterpretação positiva com α de Cronbach de .754).

Para avaliar a qualidade das relações com os pais ou outra pessoa significativa, utilizou-se a versão portuguesa do *Network of Relationships Inventory* (Furman & Buhrmester, 1985, 1992; Mendonça & Fontaine, 2013, cit in Freitas, 2016). Foram seleccionadas, para o presente estudo, as subescalas de conflito e admiração, avaliadas em relação ao pai e à mãe.

Os valores de consistência interna na presente amostra são de .92, na satisfação com a mãe, e de .918 na satisfação com o pai. A subescala de conflito com a mãe e com o pai também apresenta valores aceitáveis de .81 para conflito com a mãe e .787 para conflito com o pai.

3. Resultados

De modo a analisar o primeiro objetivo de exploração de diferenças no indicador de ajustamento, mecanismos de risco, e proteção entre os diferentes grupos, foi utilizada a análise de variância Anova inter-sujeitos (*One-way*), com recurso ao teste *post-hoc Games-Howell* ou Tukey, consoante a existência de homogeneidade das variâncias ou não.

3.1. Indicador de ajustamento

Na variável de ajustamento autoestima, os resultados indicam primeiramente a não existência de uma homogeneidade de variância, pelo que recorremos ao teste *post-hoc Games-Howell* e reportamos os valores da estatística de Welch. Verificamos que existem diferenças significativas entre os grupos na variável autoestima [$F(2, 178.52) = 30.332$; $p = .000$, $\eta^2 = .197$].

A análise através do teste *post-hoc Games-Howell* de comparação múltipla de médias, permite concluir que existem diferenças significativas entre todos os grupos. Os resultados revelam que as vítimas de vitimização em função do peso apresentam uma autoestima mais baixa do que as vítimas em função do NSE ($p = .000$, $\eta^2 = .197$) que, por sua vez, apresentam média mais baixa do que os participantes que não sofreram qualquer vitimização ($p = .002$, $\eta^2 = 0.197$).

3.2. Mecanismos de risco

No que concerne aos mecanismos de risco, analisamos a discriminação (rejeição pessoal e os diferentes tipos de vitimização).

Dentro da escala da discriminação, os resultados indicam novamente a não existência de uma homogeneidade de variância (tabela Test of homogeneity of variances), pelo que recorremos ao teste *post-hoc Games-Howell* para analisar a variável rejeição pessoal [$F(2, 129.709) = 108.836$; $p = .000$, $\eta^2 = .430$].

Na variável rejeição pessoal não se verificam diferenças significativas entre o grupo das vítimas em função do peso e o grupo de vítimas em função do NSE ($p = .909$). No entanto, existem diferenças significativas entre o grupo das vítimas em função do peso e o grupo em que não se aplica ($p = .000$), sendo que as vítimas em função do peso apresentam

maiores níveis de rejeição pessoal ($M= 1.46$, $DP= 0.93$) em relação aos participantes em que não se aplica ($M= .11$, $DP= .23$) As vítimas em função do NSE também apresentam diferenças significativas de rejeição pessoal ($M=1.40$, $DP= .84$), em relação ao grupo que não se aplica ($p= .000$), sendo os valores superiores.

Na variável vitimização, analisamos apenas as diferenças entre apenas dois grupos, o grupo de vítimas em função do peso e do NSE. Não se justifica fazer uma análise de comparação com o grupo das não-vítimas, uma vez que este grupo foi escolhido por não ter sofrido vitimização. Assim sendo, foi usado o teste *t de student* para amostras independentes. Os resultados revelaram que, na vitimização física ($p= .886$), e social ($p= .125$), não existem diferenças significativas entre os grupos.

No caso da vitimização verbal, existem diferenças significativas entre os grupos [$t(179.466) = 5.305$; $p=.000$, $d de Cohen= 0.768$], sendo que o grupo que apresenta maiores níveis de vitimização verbal é o grupo das vítimas em função do peso ($M=2.84$, $DP=1.10$), em relação ao grupo das vítimas em função do NSE ($M=2.09$, $DP=.83$). Na variável ataque à propriedade também se verificam diferenças significativas entre os dois grupos [$t(187) = 2.055$; $p=.041$, $d de Cohen= 0.311$], sendo que o grupo das vítimas em função do peso apresenta também maiores níveis de ataque à propriedade ($M=1.88$, $DP=.82$), do que as vítimas em função do NSE ($M=1.64$, $DP= .76$).

3.3. Mecanismos de proteção

Nas variáveis de nível individual observaram-se diferenças significativas entre os grupos, tal como se verificou na variável *ansiedade* [$F(2, 288) = 21.539$; $p= .000$, $\eta^2 = .130$], com os jovens vítimas em função do peso a demonstrarem uma *personalidade mais ansiosa* ($M=3.64$, $DP= .59$) do que o grupo de não vítimas ($M=3.16$, $DP= .53$), embora não existam diferenças significativas se compararmos este grupo com o das vítimas em função do NSE ($M=3.50$, $DP= .52$).

Quanto ao uso do *coping ativo*, verificam-se também diferenças significativas entre os grupos [$F(2, 289) = 4.984$; $p= .007$, $\eta^2 = .033$], não existindo mais uma vez diferenças entre o grupo das vítimas em função do NSE e o grupo das não vítimas. Deste modo, o grupo das vítimas em função do NSE ($M=3.31$, $DP= .82$), e o grupo das não vítimas ($M=3.30$, $DP= .93$) apresentam médias significativamente mais elevadas do que o grupo de vítimas em função do peso ($M=2.96$, $DP= .94$).

Na variável *autoculpabilização*, a análise através do teste *post-hoc Games-Howell* de comparação múltipla de médias indica que existem diferenças significativas entre os grupos de vítimas e não vítimas [$F(2, 169.864) = 36.683$; $p = .000$, $\eta^2 = .202$]. Os grupos que apresentam maior tendência para autoculpabilização são os das vítimas em função do peso ($M=3.05$, $DP=1.22$) e das vítimas em função do NSE ($M=2.70$, $DP= 1.12$), e finalmente o grupo das não vítimas ($M=1.83$, $DP= .84$).

Na variável reinterpretação positiva também existem diferenças significativas [$F(2, 289) = 5.774$; $p = .003$, $\eta^2 = .038$], apenas entre o grupo do peso ($M=2.62$, $DP=1.03$) e não-vítimas ($M=3.11$, $DP=1.11$). O grupo que apresenta maior uso da reinterpretação positiva é o grupo das não vítimas, por comparação com o grupo das vítimas em função do NSE ($M=2.90$, $DP=1.10$) e com o grupo das vítimas em função do peso. Na análise da magnitude das diferenças observadas entre os três grupos, podemos verificar que a culpabilização é a variável que explica uma maior variância entre os grupos ($\eta^2 = .202$) seguida da ansiedade ($\eta^2 = .130$), reinterpretação positiva ($\eta^2 = .038$), e por fim as estratégias de *coping ativo* ($\eta^2 = .033$).

No que concerne às dimensões do ambiente familiar, as análises das variáveis conflito e admiração dos pais permitem concluir que existem diferenças significativas entre os grupos de não vítimas e vítimas, em todas as variáveis.

Na variável conflito com a mãe [$F(2, 279) = 7.240$; $p = .001$, $\eta^2 = .049$], verificam-se diferenças significativas entre o grupo das vítimas em função do peso e não vítimas ($p = .002$), e entre o grupo das vítimas em função do NSE e não vítimas ($p = .008$).

O grupo que apresenta maior conflito com a mãe é o das vítimas em função do peso ($M=2.92$, $DP= .90$), seguida do grupo das vítimas em função do NSE ($M=2.92$, $DP= 1.02$), e por fim o grupo das não vítimas ($M=2.48$, $DP= .89$).

Na variável conflito com o pai [$F(2, 272) = 8.972$; $p = .000$, $\eta^2 = .062$], também se verificam diferenças significativas entre o grupo das vítimas em função do peso e não vítimas ($p = .000$), e entre o grupo das vítimas em função do NSE e não-vítimas ($p = .010$).

O grupo que apresenta maior conflito com o pai é o das vítimas em função do peso ($M=2.75$, $DP= .93$), seguida do grupo das vítimas em função do NSE ($M=2.65$, $DP= .98$), e por fim o grupo das não vítimas ($M=2.22$, $DP= .90$).

Na variável admiração da mãe [$F(2, 165.917) = 7.839$; $p = .000$, $\eta^2 = .053$], verificam-se diferenças significativas entre o grupo das vítimas em função do peso e não vítimas ($p = .000$), e entre o grupo das vítimas em função do NSE e não-vítimas ($p = .028$).

O grupo que apresenta maior admiração da mãe é o grupo das não vítimas ($M=4.24$, $DP=.85$), seguido do grupo das vítimas em função do NSE ($M=3.85$, $DP=1.04$), e por fim o das vítimas em função do peso ($M=3.72$, $DP=1.05$).

Na variável admiração do pai [$F(2, 167.658) = 8.649$; $p = .000$, $\eta^2 = .061$], verificam-se diferenças significativas apenas entre o grupo das vítimas em função do peso e não vítimas ($p = .000$). O grupo que apresenta maior admiração do pai é o grupo das não vítimas ($M=4.08$, $DP=1.01$), seguido do grupo das vítimas em função do NSE ($M=3.76$, $DP=1.00$), e finalmente o das vítimas em função do peso ($M=3.44$, $DP=1.23$).

3.4. Preditores de autoestima nos jovens vítimas de vitimização por pares em função do peso, NSE e não vítimas

Para explorar quais os mecanismos que predizem autoestima) de cada um dos grupos, foi utilizado o modelo de regressão linear múltipla por blocos, em cada um dos grupos: vítimas em função do peso, vítimas em função do NSE e não vítimas. Do primeiro bloco fazem parte os mecanismos de risco (rejeição pessoal, vitimização física, social, verbal e ataque à propriedade. Do segundo bloco fazem parte as variáveis do bloco anterior, juntamente com os mecanismos de proteção internos (ansiedade, culpabilização, *coping ativo* e reinterpretação positiva). E o terceiro bloco é constituído pelos dois blocos anteriores, a que se juntam os mecanismos de proteção externos (conflito com a mãe, conflito com o pai, admiração da mãe e admiração do pai).

Porém, antes de serem feitas as análises realizou-se uma matriz de correlação entre as variáveis para se perceber quais seriam as variáveis com uma correlação mais significativa (que se encontra em anexo). Assim sendo, e depois de analisarmos, reduzimos o número de variáveis, conforme a significância das correlações, pelo que retiramos da análise a variável tratamento injusto.

3.4.1. Vítimas em função do peso

No grupo das vítimas em função do peso, o modelo de regressão mostra ser significativo [$F(13, 92) = 11.11$; $p < .001$], e explica 55.6% da variação da autoestima (r^2 ajustado=.556), sendo que o valor do r^2 ajustado primeiro bloco é de .295, logo explica

cerca de 29.5%, o segundo de .55, explica 55%. E assim, o último, com todas as variáveis, é de .556, explica 55.6%.

Também verificamos a existência de independência de erros, pois com a aproximação de d a 2, podemos concluir que não existe autocorrelação entre os resíduos (no mesmo grupo de vítimas Durbin Watson= 1.92), assim como todos os valores de VIF (<10) e de tolerância (>0.10) comprovam que não existe multicolinearidade.

Os preditores significativos da autoestima são a rejeição pessoal, vitimização física, ansiedade e autoculpabilização, no sentido negativo, e o *coping* ativo, no sentido positivo, sendo que o preditor mais forte é a rejeição pessoal.

3.4.2. Vítimas em função do NSE

No grupo das vítimas em função do NSE, o modelo de regressão é significativo [$F(13, 52) = 3.44$; $p < .05$], e explica 32.8% da variação da autoestima (r^2 ajustado=.328), sendo que o valor do r^2 ajustado primeiro bloco é de .118, logo explica cerca de 11.8%, o segundo é de .333, explica 33.3%. E assim, o último, com todas as variáveis, é de .328, explicando 32.8%.

Também verificou-se a existência de independência de erros (no mesmo grupo de vítimas Durbin Watson= 2.06), assim como todos os valores de VIF (<10) e de tolerância (>0.10) comprovam que não existe multicolinearidade.

Os preditores significativos da autoestima neste grupo são a ansiedade e autoculpabilização, no sentido negativo, e as estratégias de *coping* ativo, no sentido positivo. O preditor mais forte do conjunto, é o *coping* ativo.

3.4.3. Grupo das não vítimas

No grupo das não vítimas, o modelo de regressão revela-se significativo [$F(9, 86) = 7.54$; $p < .001$], e explica 38% da variação da autoestima (r^2 ajustado=.382), sendo que o valor do r^2 ajustado primeiro bloco é de .06, logo explica cerca de 6%, o segundo de .35, explica 35% e o último, com todas as variáveis, é de .38, explica 38%.

Também verificamos a existência de independência de erros, pois com a aproximação de d a 2, podemos concluir que não existe auto-correlação entre os resíduos (no mesmo grupo de não vítimas Durbin Watson= 1.86), assim como todos os valores de VIF (<10) e de tolerância (>0.10), comprovam que não existe multicolinearidade.

Os preditores significativos deste modelo são o *coping* ativo, pela positiva e a rejeição pessoal, ansiedade e autculpabilização pela negativa, sendo que este último é o preditor mais forte.

4. Discussão dos resultados

Ao longo deste trabalho, procurou-se estudar a resiliência em situação de vitimização entre pares ou *bullying*, motivados pelo peso ou NSE. Para o efeito, foram exploradas as diferenças em existentes entre estes grupos de vítimas e não vítimas nos mecanismos de risco, assim como os mecanismos de proteção internos e externos e um indicador de ajustamento interno, a autoestima. Para além disso, em cada um dos grupos, explorou-se em que medida os mecanismos de risco e ajustamento poderão predizer um bom ajustamento das vítimas perante esta adversidade,

De seguida, iremos discutir os principais resultados deste estudo, tendo-os organizado em função dos objetivos que orientaram este trabalho. Primeiramente, iremos refletir sobre as diferenças entre os grupos nos diversos indicadores de risco, proteção e ajustamento. Numa segunda fase iremos analisar os preditores da autoestima nas vítimas, em termos de influência no ajustamento.

A discussão dos resultados terá como conclusão uma reflexão sobre as limitações deste estudo, as implicações para a intervenção e sugestões para estudos futuros.

4.1. Diferenças nos mecanismos de risco, mecanismos de proteção individuais e familiares e preditores do ajustamento entre as vítimas de vitimização por pares em função do peso, NSE e não-vítimas

Com o objetivo de explorar os objetivos orientadores deste estudo, procedeu-se à exploração das diferenças na autoestima, nos mecanismos de risco e de proteção entre os grupos de vítimas em função do peso, do NSE e os jovens que nunca tinham sido vítimas de vitimização entre pares ou discriminação, assim como dos preditores da autoestima. É de realçar que, na utilização do modelo de regressão e respetiva análise dos dados, deve ser tido em conta o facto de o rácio participantes/variáveis nem sempre ser o desejável para esta análise. Para ale disso, no grupo de não vítimas não entraram as variáveis de

vitimização nas regressões, visto que os participantes foram selecionados precisamente por não terem sofrido de vitimização ou discriminação.

No ajustamento interno, verificou-se que grupo das vítimas em função do peso apresentam uma autoestima mais baixa do que as vítimas em função do NSE e das não vítimas. É de realçar que o grupo com a autoestima mais elevada é o grupo das não vítimas, resultado este explicado pelo facto de as vítimas da vitimização entre pares, terem como consequência deste fenómeno, um maior isolamento e infelicidade, baixa autoestima e baixa autoconfiança em si mesmas, que se podem repercutir mais tarde num difícil ajustamento à vida adulta e aos seus relacionamentos íntimos (Ramirez, 2001). Também Borges et al. (2000) afirma que os adolescentes obesos mostram uma baixa de autoestima, maior isolamento social, depressão e problemas de conduta. A depressão dos adolescentes obesos manifesta-se por sintomas, que podem ser sentimentos de rejeição pessoal, auto-desvalorização, negativismo, ideação e/ou intenção suicida (Passos & Machado, 2002).

A análise das diferenças nos mecanismos de risco revelou que, na variável rejeição pessoal, o grupo de vítimas em função do peso ou do NSE apresentou, como seria de esperar, maior perceção de rejeição pessoal do que o grupo de não vítimas.

Não obstante, existem diferenças significativas entre o grupo das vítimas em função do peso e o grupo de não vítimas, sendo que as vítimas em função do peso apresentam maiores níveis de rejeição pessoal, tal como se verificou também que o preditor mais forte da autoestima neste grupo é a rejeição pessoal. Esta relação entre o excesso de peso dos jovens e a rejeição pessoal foi estudada na década de 60, onde os obesos atraíam rejeição e estigmatização pelos pares, o que levaria a um aumento dos efeitos negativos nas relações sociais de tais indivíduos, que se tornavam mais isolados socialmente (Costa et al., 2012).

Assim sendo, estes resultados corroboram o que já foi mencionado ao longo deste trabalho, que a obesidade é uma das condições de saúde mais estigmatizadas da sociedade contemporânea (Lewis et al., 2010), onde se verifica uma realidade social de rejeição pessoal e discriminação que influencia o funcionamento psicológico das vítimas, trazendo repercussões negativas na sua autoestima.

Esta maior perceção de rejeição pessoal é extensível ao grupo de vítimas em função do NSE. Sendo a rejeição pelos pares e o isolamento social os fatores de risco mais referidos ao nível escolar (Gutman, 2008; Maia & Williams, 2005; Pereira, 2008; Ungar, 2003), era esperado que as vítimas percecionassem maior rejeição no dia-a-dia pelas pessoas e, no caso dos jovens estigmatizados pelo seu peso, tal poderá ser decisivo para a sua menor autoestima, uma vez que os modelos de regressão indicam que os mecanismos de risco

explicam cerca de 30% da variabilidade da autoestima neste grupo, mais do dobro do que no grupo dos jovens vítimas por causa do seu NSE (12%) e cinco vezes mais do que os jovens que não foram vítimas (6%).

De facto, na variável vitimização verificamos que apenas existem diferenças significativas entre os grupos na vitimização verbal e ataque à propriedade. Verificou-se que as vítimas em função do peso apresentam maior frequência de vitimização de ambos os tipos, do que as vítimas em função do NSE.

A análise dos mecanismos de proteção internos também trouxe resultados interessantes. Foram encontradas diferenças entre os jovens vítimas de *bullying* em função do peso e NSE e o grupo dos jovens que não percecionaram qualquer tipo de discriminação e vitimização.

Nas variáveis de nível individual, observou-se que os jovens vítimas em função do peso possuem uma personalidade mais ansiosa, resultado este que vem de encontro à literatura, pois estes jovens, além de maior isolamento social, têm maiores taxas de ansiedade, depressão e suicídio que a população em geral. (Lewis et al., 2010). Não obstante, também os jovens vítimas em função do NSE apresentam maior ansiedade do que as não-vítimas. De facto, a literatura enfatiza que as próprias características da personalidade das vítimas podem ser consideradas um fator de risco, pois os alunos vítimas são normalmente jovens que não se defendem dos ataques dos pares em muito decorrente dos seus elevados níveis de ansiedade (Carney & Merrell, 2001; Formosinho & Simões, 2001; Griffin & Gross, 2003; Olweus, 1978, 1993, 1997; Pearce & Thompson, 1998; Stoody, 2001, cit in Seixas, 2006). Porém, a experiência que as vítimas vivenciam pode tornar-se traumática e marcante, dando origem a diversos danos como tensão nervosa, dores de cabeça, e estômago, crises de ansiedade e pesadelos (Ramirez, 2001).

Do mesmo modo, em particular nas vítimas em função do peso, a ansiedade pode ser a principal causa do excesso de peso, motivando a ingestão de comida para a sua diminuição (Ramirez, 2001). Para além disso, muita da estigmatização associada a estas vítimas pode estar associada ao facto de os outros jovens perceberem a obesidade como uma característica que poderia ser modificada, enquanto a pertença a um determinado NSE não (Ramirez, 2001).

No uso de estratégias de *coping ativo*, verifica-se que são os jovens do grupo de vítimas em função do NSE que adotam mais este estilo, seguidas do grupo das não vítimas e por fim do grupo das vítimas em função do peso. “Deste modo, apesar de serem vitimizados, os jovens vítimas por causa do seu NSE conseguem utilizar estratégias de

coping para resolver os seus problemas, tal como evidenciou o estudo realizado no contexto nacional, para os jovens de etnia negra” (Freitas, 2016). Para além disso, é o preditor mais forte da autoestima no sentido positivo.

O autor da escala utilizada no questionário para avaliar as dimensões do *coping* define o *coping ativo* como uma forma de iniciar uma acção ou fazer esforços, para remover ou circunscrever o stressor” (Carver, 1997; Ribeiro & Rodrigues, 2004), sendo que no presente estudo o stressor é a vitimização entre pares. As questões do questionário que os participantes responderam e foram alvo de estudo, e que avaliaram a utilização de estratégias de *coping ativo* são: “Tento encontrar uma estratégia que me ajude no que tenho que fazer.”, “Tomo medidas para tentar melhorar a minha situação (desempenho)”, “Concentro os meus esforços para fazer alguma coisa que me permita enfrentar a situação.”, “Penso muito sobre a melhor forma de lidar com a situação”.

No que diz respeito à autoculpabilização, os resultados deste estudo evidenciam que o grupo que apresenta maior tendência para a autoculpabilização é o das vítimas em função do peso, seguido do grupo das vítimas em função do NSE, e finalmente o grupo das não-vítimas. Estes resultados são corroborados por alguns estudos que revelam que a vitimização se correlaciona com a autoculpabilização (autocriticismo), e que quanto maior a frequência de atos agressivos, maior a percepção de responsabilização do sujeito sobre os mesmos (Catterson&Hunter, 2010; Schacter, White, Chang, & Juvonen, 2015, cit in Freitas, 2016). Conforme o indicado anteriormente, os resultados podem também estar relacionados com a elevada ansiedade e a baixa autoestima que as vítimas deste estudo revelaram ter, pois as vítimas que atribuem a vitimização a características internas, que são percebidas como incontroláveis e estáveis, apresentam maior depressão, ansiedade e solidão e menor autoestima (Graham &Juvonen, 1998;Graham, Bellmore, Nishina, &Juvonen, 2009; Schacter et al., 2015, cit in Freitas, 2016).

Na variável reinterpretação positiva, os resultados revelaram que também existem diferenças significativas entre os dois grupos de vítimas e o grupo de não vítimas, sendo que este último apresenta maior uso da reinterpretação positiva. Assim sendo, a estratégia de reinterpretação positiva dos acontecimentos negativos que sucediam com as vítimas mostrou não ser muito utilizada como mecanismo de proteção das mesmas, optando preferencialmente pelas estratégias de *coping ativo*, em particular no caso dos jovens vítimas por causa do NSE, e da autoculpabilização, no caso dos jovens vítimas por causa do peso.

A análise da predição da autoestima por parte dos mecanismos de proteção internos revelou que a ansiedade e a autculpabilização revelaram-se como preditores significativos de uma baixa autoestima, e as estratégias de *coping ativo* como um preditor significativo no sentido positivo, tanto no grupo das vítimas em função do peso, como do NSE. A reinterpretação positiva revelou-se como preditor não significativo da autoestima.

Nos mecanismos de proteção externos verificamos que existem diferenças significativas entre ambos os grupos de vítimas e o grupo de não vítimas, tanto nas variáveis conflito, como admiração dos pais. O grupo das vítimas em função do peso apresenta maiores níveis de conflito, seguido do grupo das vítimas em função do NSE e por fim o grupo das não vítimas. Estes resultados poderão ser explicados pelo facto de a ausência de um bom entendimento afetivo entre pais e filhos poder ser uma das causas para a falta de empatia das crianças por parte dos seus colegas, (Botelho & Souza, 2007) suscitando maior probabilidade de se tornarem vítimas. Uma hipótese alternativa reside no facto da situação de vitimização ter aumentado o conflito familiar. A superioridade de conflito observada no grupo das vítimas em função do NSE corrobora resultados encontrados na literatura, que identificam esse conflito como um fator de risco (Coleman & Hagell, 2007; Haskett, Nears, Ward, & McPherson, 2006; K. Kumpfer & Alvarado, 2003; Maia & Williams, 2005), cumulativo com a pobreza e seus correlatos, como por exemplo cuidados parentais pobres (Garmezy, 1993).

Pelo contrário, na admiração dos pais, o grupo que apresenta maior admiração é o grupo das não vítimas, seguido das vítimas em função do NSE e por fim as vítimas em função do peso. O facto de o grupo das vítimas em função do NSE apresentar maiores níveis de admiração dos pais do que os grupos de vítimas em função do peso não é um resultado desconhecido, visto que, um estudo sobre fatores de risco e de proteção realizado por Li, Nussbaum e Richards, (2007) com uma amostra de 263 adolescentes afro-americanos residentes em meio urbano desfavorecido, demonstrou que as variáveis individuais e familiares são fatores protetores, e que a autoconfiança e o apoio familiar estão associados a reduções dos efeitos prejudiciais da pobreza da comunidade.

Assim, apesar de não ser um preditor significativo da autoestima nos modelos de regressão, pode-se afirmar que as vítimas de *bullying* que sentem a admiração dos seus pais podem estar mais protegidos para outros indicadores de ajustamento, o que poderá suscitar o desenvolvimento de outros recursos internos, como o uso de estratégias de *coping* eficazes ou a aquisição da autoconfiança. Contudo, nem o conflito, nem a admiração

dos pais e das mães parecem ser preditores significativos da autoestima, sendo que o único preditor significativo de uma maior autoestima nas vítimas em função do peso e NSE são as estratégias de *coping ativo*, que será mais provavelmente estimulado por baixos níveis de conflito e elevados níveis de admiração com ambos os pais.

Assim sendo, depois da análise dos resultados do estudo pode-se considerar que, embora na fase da adolescência os fatores de proteção mais comuns sejam os laços fortes estabelecidos com a família, os bons relacionamentos interpessoais e os próprios recursos internos do adolescente (Grossman et al., 1992), no presente são os recursos internos, nomeadamente a utilização de estratégias de *coping ativo*, que parecem amortecer o impacto da vitimização sofrida, na autoestima. Contudo, tratando-se de um estudo transversal com adolescentes, não é possível aferir a influência que poderão ter tido no desenvolvimento de outros recursos ou que possam continuar a ter no presente, não obstante a importância crescente dos pares ou de outros significativos.

A promoção da resiliência ocorre através da promoção e desenvolvimento de um conjunto de recursos internos ou intrapessoais, mas também externos, como os familiares, da comunidade e da cultura. Sendo a vitimização entre pares um fenómeno que ocorre com maior frequência no contexto escolar, outros agentes podem funcionar como fatores de proteção ou de vulnerabilidade mais diretos, como é o caso de colegas, professores ou outros agentes educativos. Contudo, é no contexto familiar que se deve começar a atuar, para que as crianças possuam bases seguras de prevenção, identificação e resolução precoce deste fenómeno tão alarmante.

4.2. Limitações do estudo e sugestões para estudos futuros

Na presente dissertação, procuramos identificar alguns fatores associados à resiliência em situação de vitimização entre pares. No entanto, como todos os estudos, apresenta algumas limitações. Primeiramente, a amostra é por conveniência, o que poderá se repercutir numa não representatividade da população. Foi também considerada uma limitação deste estudo, como de qualquer estudo transversal, o facto de não se poder determinar se as vítimas, ao mostrarem maior ansiedade, poder ser uma consequência da vitimização que sofreram, ou uma característica disposicional da sua personalidade. Uma outra limitação do estudo prende-se com a incapacidade de se perceber ao pormenor a relação entre os participantes e os pais e outros atores no contexto educativo que poderão ter também muita importância no *bullying*, ocorrendo preferencialmente em contexto

escolar. Assim, pensamos que poderíamos obter informações mais fidedignas junto dos próprios pais, pois o contexto familiar poderá ser uma das principais áreas de intervenção de promoção de resiliência e prevenção da vitimização entre pares. Não obstante, também poderiam ter sido recolhidos dados junto dos pares, professores, e outros agentes educativos, pois as suas perspetivas contribuiriam para uma maior aferição das consequências da violência social no ajustamento dos adolescentes (Cullerton-Sen & Crick, 2005).

Consideramos que alguns profissionais da educação (nomeadamente professores e psicólogos) podem vir, assim, a desempenhar um papel fundamental de prevenção e intervenção em domínios que se vislumbrem prioritários. Segundo Stephenson, Smith e Elliot (1994, cit in Beane, 2011), existe uma variedade de fatores no ambiente escolar que poderão contribuir para a vitimização, nomeadamente, normas de conduta pouco claras; métodos disciplinares inconsistentes, fraca organização na sala de aula e áreas recreativas, intolerância face às diferenças, entre outras.

Assim, a redução dos comportamentos de vitimização na escola pode contribuir para, de uma forma generalizada, reduzir a violência na comunidade escolar e, de uma forma particular, prevenir o desenvolvimento de comportamentos antisociais em alunos que sejam agressores, assim como reduzir os distúrbios emocionais a longo prazo que se encontram associados à vitimização (Hoover & Oliver, 1996). Este estudo permitiu identificar algumas áreas de intervenção específicas para ambos os motivos estudados para a discriminação e/ou vitimização entre pares. Permite, por isso, que sejam delineadas estratégias que permitam prevenir as situações de vitimização e consequências adjacentes nos dois grupos, promovendo, por exemplo, o *coping* ativo em ambos os grupos, mas investindo também na diminuição da autoculpabilização para os jovens vítimas por causa do peso.

5. Referências bibliográficas

- Agaibi, W. (2005). Trauma, PTSD, and Resilience: A review of the literature. *Trauma, Violence & Abuse*, 6(3), 195-216.
- Ahern, N. (2006). Adolescent resilience: An evolutionary concept analysis. *Journal of Pediatric Nursing*, 21(3), 175-185.
- Aisenberg, E., & Herrenkohl, T. (2008). Community violence in context: Risk and resilience in children and families. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(3), 296- 315.
- Almeida, G., Loureiro, S., & Santos, J. (2002). A imagem corporal de mulheres morbidamente obesas avaliada através do Desenho da Figura Humana. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 283-292.
- Azevedo, A. S. & Faria, L. (2004). Auto-estima no ensino secundário: Validação da Rosenberg Self-Esteem Scale. In C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, & V. Ramalho (Eds.), *Actas da X Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 415-421). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Barlow, D. (1999). Manual Clínico dos Transtornos Psiquiátricos (M.R.B. Osório, Trad). Porto Alegre: Artmed (Original publicado em 1993).
- Barros, N. (2010). *Violência nas escolas – Bullying*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Beane, A. (2011). *Proteja o seu filho do Bullying*. Lisboa, Porto Editora.
- Bitencourt, J.A. (2011). *Tudo sobre Bullying, Cyber Bullying e Resiliência*.
- Bonds, M. (2000). *Bully-proofing your middle school*. <http://www.naesp.org/comm/mmosp00.htm>.
- Borges, J., Guarisi, T., Giatti, M., Borges, P., Godoy, P. C., Bastos, A., & Cunha, A. (2000). Obesidade e hipercolesterolemia na adolescência. *Revista de Ginecologia & Obstetrícia*, 11(2), 132-136

Bosworth, K., Espelage, D., & Simon, T. (1999). Factors associated with bullying behavior in middle school students. *Journal of Early Adolescence*, 19 (3), 341-362.

Botelho, R., & Sousa, J. (2007). Bullying e educação física na escola: características, casos consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 139, 58–70.

Braga, L. L. & Lisboa, C. (2010). Estratégias de Coping para Lidar com o Processo de Bullying: Um Estudo Qualitativo. *Interamerican Journal of Psychology*, v. 4, p. 321-331.

Buela-Casal, G., & Caballo, V. (1991). *Manual de Psicología Clínica Aplicada*. Madrid, España: Siglo Veintiuno.

Cáceres, I., Fontecilla, M., & Kotliarenko, M. A. (1997). Estado de arte en resiliencia. Retrieved 29/09/2009, from <http://www.psicoeducation.eu/psicoeducation/palestina/publicaciones/estadodeartederesiliencia.pdf>.

Carmo I, Santos O, Camolas J, Vieira J. Obesidade em Portugal e no mundo Lisboa. Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. 2008.

Carver, C. (1997a). You want to measure coping but your protocol's too long: consider the brief COPE. *International Journal of Behavioral Medicine*, 4(1), 92-100.

Chaux, E.; Molano, A. & Podlesky, P. (2009). Socio-economic, socio-political and socio-emotional variables explaining school bullying: A country-wide multilevel analysis. *Aggressive Behavior*, 35, 520-529. Clauss-Ehlers, C. (2008). Sociocultural factors, resilience, and coping: Support for a culturally sensitive measure of resilience. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 197-212.

Coimbra, S., & Fontaine, A. M. (2015). Resiliência e habilidades sociais: Reflexões conceituais e práticas para uma nova geração. In Z. A. P. Del Prette, A. B. Soares, C. S. Pereira-Guizzo, M. F. Wagner, V. B. R. Leme (Eds.) *Habilidades sociais: diálogos e intercâmbios sobre pesquisa e prática* (pp. 186–220). Novo Hamburgo: Synopsys.

Coleman, J., & Hagell, A. (2007). The nature of risk and resilience in adolescence. In J. Coleman & A. Hagell (Eds.), *Adolescence, risk and resilience: Against the odds*. Chichester: John Wiley & Sons, Ltd.

- Committee for Children (2002). *Steps to respect*. <http://www.cfchildren.org/strres.shtml>.
- Costa, m.p.; Souza, m. a. ; Oliveira, V. M. (2012). Obesidade infantil e *bullying*: a ótica dos professores. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 3, p. 653-665.
- Cullerton-Sem, C., & Crick, N. R. (2005). Understanding the effects of physical and relational victimization: The utility of multiple perspectives in predicting social-emotional adjustment. *School Psycholog Review*, 34 (2), 147-160.
- Cyrlunik, B. (2001). Resiliência, essa inaudita capacidade de reconstrução humana. Lisboa: Instituto Piaget.
- Daining, D., & DePanfilis, D. (2007). Resilience of youth in transition from out-of-home care to adulthood. *Children and Youth Services Review*, 29, 1158-1178.
- Davydov, D. M., Stewart, R., Ritchie, K., & Chaudieu, I. (2010). Resilience and mental health. *Clinical Psychology Review*, 30(5), 479-495.
- DeHaan, L. (1997). Bullies. Retirado em 24 de Maio de 2000 da World Wide Web: ndsuxext.nodak.edu.
- Dias, M. G. F., & Fontaine, A. M. (2001). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Drapeau, S., Saint-Jacques, M. C., Lepine, R., Begin, G., & Bernard, M. (2007). Processes that contribute to resilience among youth in foster care. *J Adolesc*, 30(6), 977-999.
- Dreyer, D. (2004). *A brincadeira não tem graça*. www.educacional.com.br.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus & Pedra J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas & respostas*. Porto alegre: Artmed.
- Fergus, S., & Zimmerman, M.A. (2005). Adolescent resilience: A framework for understanding healthy development in the face of risk. *Annual Revue of Public Health*, 26, 399-419. Fischer, F.M., Oliveira, D.C., Teixeira, L.R., Teixeira, M.C.T.V., & Amaral, M.A. (2003). Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(4), 973-984.

Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of *coping* in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21, 219-239.

Folkman, S., & Lazarus, R.S. (1985). If it changes it must be a process: A study of emotion and *coping* during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 150-170.

Fontaine, R. & Réveillère, C. (2004). Le bullying (ou victimisation) en milieu scolaire: description, retentissements vulnérabilisants et psychopathologiques. *Annales Médico Psychologiques*, 162, 588-594.

Freitas, D. F., Coimbra, S., Marturano, E. M., & Fontaine, A. M. (2015). Adaptação da Escala de Discriminação Quotidiana para jovens portuguesas. *Psychology/Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(4), 708–717. doi:10.1590/16787153.201528408

Freitas, D. (2016). *Resiliência perante a violência social: perfis de ajustamento e mecanismos de proteção*. Tese de doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do do Porto, Porto, Portugal.

Garnezy, N. (1993). Children in poverty: resilience despite risk. *Psychiatry*, 56(1), 127-136.

Goodman E., Adler N. E, Kawachi I., Frazier A. L., Huang B., & Colditz G. A. (2001). Adolescents' perceptions of social status: Development and evaluation of a new indicator. *Pediatrics*, 108(2): E31.

Grossman, F. K., Beinashowitz, J., Anderson, L., Sakurai, M., Finnin, L., & Flaherty, M. (1992). Risk and Resilience in Young Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 21(5), 529-550.

Gutman, L. (2008). Risk and resilience. In M. Haith & J. Benson (Eds.), *Encyclopedia of Infant and Early Childhood Development* (pp. 23-34). Oxford: Academic.

Haase, J. (2004). The adolescent resilience model as a guide to interventions. *Journal of Pediatric Oncology Nursing*, 21(5), 289-299.

- Haskett, M. E., Nears, K., Sabourin Ward, C., & McPherson, A. V. (2006). Diversity in adjustment of maltreated children: Factors associated with resilient functioning. *Clinical Psychology Review*, 26, 796–812.
- Hoover, J. & Oliver, R. (1996). *The bullying prevention handbook: a guide for principals, teachers and counsellors*. Bloomington, Indiana: USA: National Educational Service.
- Janssen, I., Craig, W., Boyce, W., & Pickett, W. (2004). Associations Between Overweight and Obesity With Bullying Behaviors in School-Aged Children. *Pediatrics*, 113(5), 1187-1194.
- Judge, S. (2005). Resilient and vulnerable at-risk children. *Journal of Children and Poverty*, 11(2), 149-168.
- Kaplan H. B.(1999). Toward an understanding of resilience: A critical review of definitions and models. In M. D.Glantz & J. R.Johnson (Eds.). *Resilience and development: Positive lifeadaptations* (pp.17-83). New York: Plenum.
- Kumpfer, K. L., & Alvarado, R. (2003). *Family-Strengthening Approaches for the Prevention of Youth Problem Behaviors*. *American Psychologist*, 58(6-7), 457-465. DOI: [10.1037/0003-066X.58.6-7.457](https://doi.org/10.1037/0003-066X.58.6-7.457)
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Legault, L., Anawati, M., & Flynn, R. (2006). Factors favoring psychological resilience among fostered young people. *Children and Youth Services Review*, 28, 1024- 1038.
- Lewis, S. et al. “I don’t eat a hamburger and large chips every day!” A qualitative study of the impact of public health messages about obesity on obese adults. *BMC public health*, v. 10, n. 309, p. 1-9, 2010.
- Li, S. T., Nussbaum, M. H., & Richards, H. (2007). Risk and protective factors for urban African American youth. *American Journal of Community Psychology*, 39(1-2), 21-35.

- Lisboa, C., Koller, S. H., Ribas, F. F., Bitencourt, K., Oliveira, L., & Porciuncula, L. P. (2002). Estratégias de *coping* de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 345-362.
- Little, M., Axford, N., & Morpeth, L. (2004). Research Review: Risk and protection in the context of services for children in need. *Child and Family Social Work* 2004, 9, 105-117.
- Maia, J., & Williams, L. (2005). Factores de risco e factores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, 13(2), 91- 103.
- Malpique, C. (1999). Noção de risco em saúde mental – da infância à adolescência. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 15, 9-22.
- Masten, A.S. (2001). Ordinary Magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56(3), 227-238.
- Masten, A. S., Obradović, J., & Burt, K. B. (2006). Resilience in emerging adulthood: Developmental perspectives on continuity and transformation. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 173–190). Washington: American Psychological Association. doi:10.1037/11381-007.
- Neto, L. Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell.
- Olweus, D. (1994). Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Psychology and Psychiatry*, 43 (7), 1171-1190.
- Passos, P., & Machado, C. (2002). Eventos depressivos na Puberdade. *Análise Psicológica*, 20, 225-232.
- Pearce, J. & Thompson, A. (1998). Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Archives of Disease in Childhood*, 79, 528-531.
- Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência – estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

- Pereira, M. (2008). *Desenvolvimento de crianças em centros de acolhimento temporário e relação com os seus cuidadores*. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Pereira, T. (2007). *Obesidade: A Epidemia do Século XXI?*. Psicologia.com.pt.
- Pesce, R., Assis, S., Santos, N., & Oliveira, R. (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135- 143.
- Psalti, A. (2005, Jul.). *Studying bullying in Greek schools: a first attempt at identifying and defining the phenomenon*. Comunicação apresentada no 27th International School Psychology Colloquium. Atenas, Grécia.
- Ramirez, F.C. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Amadora: McGraw Hill.
- Ribeiro, J. L. & Rodrigues, A. P. (2004). Questões acerca do coping: a propósito do estudo de adaptação do brief COPE. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5(1), 3-15.
- Rigby, Ken. *What should we do about school bullies?* Australian Journal of Counselling and Guidance, v. 6, p. 71-76, 1996.
- Roberts, W. & Morotti, A. (2000). The bully as victim: understanding Bully behaviors to increase the effectiveness of interventions in the bully-victim dyad. *Professional School Counseling*, 4 (2), 148-155.
- ROSS, Dorothea M. *Childhood bullying and teasing: What school personnel, other professionals, and parents can do*. Alexandria, VA: American Counseling Association, 1996.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: Protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatric*, 147, 598-611.
- Rutter, M. (2005). Multiple meanings of a developmental perspective on psychopathology. *European Journal of Developmental Psychology*, 2(3), 221–252. doi:10.1080/17405620500237706.
- Salmon, G., James, A., & Smith, D. M. (1998). Bullying in schools: self reported anxiety, depression, and self esteem in secondary school children. Retirado em 16 de Fevereiro de 2000 da World Wide Web: www.bmj.com.

- Schmitt, M. T., Branscombe, N. R., Postmes, T., & Garcia, A. (2014). The consequences of perceived discrimination for psychological well-being: A metaanalytic review. *Psychological Bulletin*, 140(4), 921–948. doi:10.1037/a0035754.
- Seals, D. & Young, J. (2003). Bullying and victimization: prevalence and relationship to gender, grade level, ethnicity, self-esteem, and depression. *Adolescence*, 38 (152), 735-747.
- Seixas, R.P. (2006). *Comportamentos de bullying entre pares bem estar e ajustamento escola*. Tese de doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Serrate, R. (2009). Lidar com o bullying na escolar – Guia para entender, prevenir e tratar o fenómeno de violência entre pares. Sintra. Coleção EducAcção. KEditora.
- Silva, A. B. B. (2010). *Bullying: mentes perigosas nas ESCOLAS*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Skiba, R. & Fontanini, A. (2000). *Fast facts: bullying prevention*. <http://www.pdkintl.org/whatis/ffl2bully.htm>
- Smith, P. (1991). The silent nightmare: bullying and victimisation in school peer groups. *The Psychologist*, 4, 243-248.
- Smith, K.; Sharp, S. *School bullying: insights and perspectives*. London: Routledge, 1994.
- Sudermann, M., Jaffe, P., & Schick, E. (2000). *Bullying information*. Retirado em 23 de Maio de 2000 da World Wide Web: www.yrbe.edu.on.ca
- Teles, A., Reis, J., Dias, T. (2008). *Obesidade: Prevenção e Terapêutica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Tippett, N., & Wolke, D. (2014). Socioeconomic Status and Bullying: A Meta-Analysis. *American Journal of Public Health*: June 2014, Vol. 104, No. 6, pp. e48-e59. doi: 10.2105/AJPH.2014.301960.
- Ungar, M. (2003). Qualitative contributions to resilience research. *Qualitative Social Work*, 2(1), 85-102.

Vale, D. & Costa, M. (1994). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Wardle, J. & Cooke, L. (2005). *The impact of obesity on psychological well-being*. *Best Practice & Research*, 19 (3), 421-440.

Watkins, C. (2002). *Protecting against bullies throughout the life cycle*. http://www.ncpamd.com/Bullying_thru_life_cycle.htm.

Weinhold, B. (2000). Bullying and school violence: the tip of the iceberg. *Teacher Educator*, 35 (3), 28-33.

Werner, E. E., Smith, R. S. (1992). *Overcoming the odds: High risk children from birth to adulthood*. New York: Cornell University Press.

Werner, E. E., & Smith, R. S. (2001). *Journeys from childhood to midlife: Risk, resilience and recovery*. New York: Cornell University Press.

Whitney, I. & Smith, P. (1993). A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research*, 35 (1), 3-25.

Williams, D. R., Yu, Y., Jackson, J. S., & Anderson, N. B. (1997). Racial differences in physical and mental health. *Journal of Health Psychology*, 2(3), 335–351.
doi:10.1177/135910539700200305

WHO (2000). Obesity: Preventing and Managing the Global Epidemic. Report of a WHO consultation on obesity. *World Health Organization*. Geneva.

6. Anexos

Quadro 1. Matriz de correlação entre variáveis em estudo no grupo de vítimas em função do peso

		Correlações ^a													
		D_Tratament o_Injusto1	D_Rejeição_ Pessoal1	V.Física	V.Social	V.Verbal	V.A. Propriedade	Auto_estima	Ansiedade	C.Cop.Ativo	C.Re.Positiva	R.Conf_Mãe	R.Conf_Pai	R.Admir_Mãe	R.Admir_Pai
D_Tratamento_Injusto1	Correlação de Pearson	1	,467 ^{**}	,228 [*]	,401 ^{**}	,465 ^{**}	,338 ^{**}	-,289 ^{**}	,114	-,139	-,121	,371 ^{**}	,143	-,269 ^{**}	-,080
	Sig. (bilateral)		,000	,013	,000	,000	,000	,002	,224	,136	,194	,000	,135	,004	,409
	N	117	117	117	117	117	117	116	116	117	117	115	110	115	108
D_Rejeição_Pessoal1	Correlação de Pearson	,467 ^{**}	1	,188 [*]	,300 ^{**}	,305 ^{**}	,228 [*]	-,491 ^{**}	,176	-,127	-,134	,148	,118	-,180	-,052
	Sig. (bilateral)	,000		,042	,001	,001	,013	,000	,059	,171	,150	,115	,220	,055	,591
	N	117	117	117	117	117	117	116	116	117	117	115	110	115	108
V.Física	Correlação de Pearson	,228 [*]	,188 [*]	1	,439 ^{**}	,463 ^{**}	,652 ^{**}	-,344 ^{**}	-,041	-,121	-,109	,306 ^{**}	,200	-,215 [*]	-,193 [*]
	Sig. (bilateral)	,013	,042		,000	,000	,000	,000	,663	,195	,242	,001	,036	,021	,045
	N	117	117	117	117	117	117	116	116	117	117	115	110	115	108
V.Social	Correlação de Pearson	,401 ^{**}	,300 ^{**}	,439 ^{**}	1	,627 ^{**}	,449 ^{**}	-,314 ^{**}	,246 ^{**}	-,004	-,153	,123	,174	-,127	-,005
	Sig. (bilateral)	,000	,001	,000		,000	,000	,001	,008	,966	,099	,192	,070	,176	,958
	N	117	117	117	117	117	117	116	116	117	117	115	110	115	108
V.Verbal	Correlação de Pearson	,465 ^{**}	,305 ^{**}	,463 ^{**}	,627 ^{**}	1	,563 ^{**}	-,279 ^{**}	,194 [*]	-,116	-,102	,134	,183	-,185 [*]	-,111
	Sig. (bilateral)	,000	,001	,000	,000		,000	,002	,037	,214	,273	,155	,055	,047	,252
	N	117	117	117	117	117	117	116	116	117	117	115	110	115	108
V.A.Propriedade	Correlação de Pearson	,338 ^{**}	,228 [*]	,652 ^{**}	,449 ^{**}	,563 ^{**}	1	-,199 [*]	,002	-,110	-,077	,187 [*]	,215 [*]	-,233 [*]	-,146
	Sig. (bilateral)	,000	,013	,000	,000	,000		,032	,985	,240	,406	,045	,024	,012	,133
	N	117	117	117	117	117	117	116	116	117	117	115	110	115	108
Auto_estima	Correlação de Pearson	-,289 ^{**}	-,491 ^{**}	-,344 ^{**}	-,314 ^{**}	-,279 ^{**}	-,199 [*]	1	-,355 ^{**}	,469 ^{**}	,415 [*]	-,263 ^{**}	-,316 ^{**}	,257 ^{**}	,286 ^{**}
	Sig. (bilateral)	,002	,000	,000	,001	,002	,032		,000	,000	,000	,005	,001	,006	,003
	N	116	116	116	116	116	116	116	116	116	116	116	114	110	108
Ansiedade	Correlação de Pearson	,114	,176	-,041	,246 ^{**}	,194 [*]	,002	-,355 ^{**}	1	-,084	-,221 [*]	-,066	,163	-,019	,009
	Sig. (bilateral)	,224	,059	,663	,008	,037	,985	,000		,371	,017	,487	,089	,839	,928
	N	116	116	116	116	116	116	116	116	116	116	114	110	114	108
C.Cop.Ativo	Correlação de Pearson	-,139	-,127	-,121	-,004	-,116	-,110	,469 ^{**}	-,084	1	,621 ^{**}	-,224 [*]	-,102	,283 ^{**}	,344 ^{**}
	Sig. (bilateral)	,136	,171	,195	,966	,214	,240	,000	,371		,000	,016	,289	,002	,000
	N	117	117	117	117	117	117	116	116	117	117	115	110	115	108
C.Re.Positiva	Correlação de Pearson	-,121	-,134	-,109	-,153	-,102	-,077	,415 ^{**}	-,221 [*]	,621 ^{**}	1	-,187 [*]	-,154	,249 ^{**}	,305 ^{**}
	Sig. (bilateral)	,194	,150	,242	,099	,273	,406	,000	,017	,000		,045	,108	,007	,001
	N	117	117	117	117	117	117	116	116	117	117	115	110	115	108
R.Conf_Mãe	Correlação de Pearson	,371 ^{**}	,148	,306 ^{**}	,123	,134	,187 [*]	-,263 ^{**}	-,066	-,224 [*]	-,187 [*]	1	,332 ^{**}	-,427 ^{**}	-,207 [*]
	Sig. (bilateral)	,000	,115	,001	,192	,155	,045	,005	,487	,016	,045		,000	,000	,033
	N	115	115	115	115	115	115	114	114	115	115	115	108	115	106
R.Conf_Pai	Correlação de Pearson	,143	,118	,200 [*]	,174	,183	,215 [*]	-,316 ^{**}	,163	-,102	-,154	,332 ^{**}	1	-,182	-,418 ^{**}
	Sig. (bilateral)	,135	,220	,036	,070	,055	,024	,001	,089	,289	,108	,000		,059	,000
	N	110	110	110	110	110	110	110	110	110	110	108	110	108	108
R.Admir_Mãe	Correlação de Pearson	-,269 ^{**}	-,180	-,215 [*]	-,127	-,185 [*]	-,233 [*]	,257 ^{**}	-,019	,283 ^{**}	,249 ^{**}	-,427 ^{**}	-,182	1	,479 ^{**}
	Sig. (bilateral)	,004	,055	,021	,176	,047	,012	,006	,839	,002	,007	,000	,059		,000
	N	115	115	115	115	115	115	114	114	115	115	115	108	115	106
R.Admir_Pai	Correlação de Pearson	-,080	-,052	-,193 [*]	-,005	-,111	-,146	,286 ^{**}	,009	,344 ^{**}	,305 ^{**}	-,207 [*]	-,418 ^{**}	,479 ^{**}	1
	Sig. (bilateral)	,409	,591	,045	,958	,252	,133	,003	,928	,000	,001	,033	,000	,000	
	N	108	108	108	108	108	108	108	108	108	108	106	108	106	108

** A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

* A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

a. D_motivo discriminação = Peso

Quadro 2. Matriz de correlação entre variáveis em estudo no grupo de vítimas em função do NSE

Correlações ^a														
	D_Tratamento_Injusto1	D_Rejeição_Pessoal1	V.Física	V.Social	V.Verbal	VA Propriedade	Auto_estima	Ansiedade	C.Cop.Ativo	C.Re.Positiva	R.Conf_Mãe	R.Conf_Pai	R.Admir_Mãe	R.Admir_Pai
D_Tratamento_Injusto1	1	,477**	,270	,599**	,514**	,376**	-,164	,011	-,248**	-,006	,259*	,103	-,260*	-,232
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)		,000	,022	,000	,000	,001	,168	,927	,036	,963	,033	,404	,031	,059
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
D_Rejeição_Pessoal1	,477**	1	,465**	,551**	,576**	,462**	-,234**	,020	-,123	,044	,131	,060	-,089	,002
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,000		,000	,000	,000	,000	,048	,871	,302	,716	,287	,625	,468	,987
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
V.Física	,270	,465**	1	,483**	,594**	,684**	-,189	-,022	-,207	-,232	,038	,115	,004	-,005
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,022	,000		,000	,000	,000	,113	,852	,081	,050	,759	,349	,973	,967
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
V.Social	,599**	,551**	,483**	1	,648**	,553**	-,217	,087	-,212	-,125	,311**	,118	-,215	-,217
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,000	,000	,000		,000	,000	,067	,467	,074	,295	,010	,338	,076	,078
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
V.Verbal	,514**	,576**	,594**	,648**	1	,725**	-,227	-,099	-,195	-,065	,205	,303*	-,121	-,151
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,000	,000	,000	,000		,000	,055	,408	,100	,587	,094	,012	,323	,223
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
VA Propriedade	,376**	,462**	,684**	,553**	,725**	1	-,361**	,021	-,219	-,238*	,189	,174	-,092	-,178
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,001	,000	,000	,000	,000		,002	,862	,065	,044	,122	,156	,452	,150
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
Auto_estima	-,164	-,234**	-,189	-,217	-,227	-,361**	1	-,257*	,354**	,282*	-,123	-,098	,096	,287
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,168	,048	,113	,067	,055	,002		,030	,002	,017	,319	,425	,430	,018
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
Ansiedade	,011	,020	-,022	,087	-,099	,021	-,257*	1	,105	,010	,065	-,082	-,096	-,196
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,927	,871	,852	,467	,408	,862	,030		,379	,937	,596	,505	,432	,112
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
C.Cop.Ativo	-,248**	-,123	-,207	-,212	-,195	-,219	,354**	,105	1	,508**	-,079	,131	,144	,063
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,036	,302	,081	,074	,100	,065	,002	,379		,000	,524	,289	,239	,614
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
C.Re.Positiva	-,006	,044	-,232	-,125	-,065	-,238*	,282*	,010	,508**	1	-,060	,259*	,084	,040
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,963	,716	,050	,295	,587	,044	,017	,937	,000		,625	,033	,491	,747
N	72	72	72	72	72	72	72	72	72	72	68	68	69	67
R.Conf_Mãe	,259*	,131	,038	,311**	,205	,189	-,123	,065	-,079	-,060	1	,209	-,644**	-,420**
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,033	,287	,759	,010	,094	,122	,319	,596	,524	,625		,092	,000	,000
N	68	68	68	68	68	68	68	68	68	68	68	66	67	66
R.Conf_Pai	,103	,060	,115	,118	,303*	,174	-,098	-,082	,131	,259*	,209	1	-,225	-,380**
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,404	,625	,349	,338	,012	,156	,425	,505	,289	,033	,092		,065	,002
N	68	68	68	68	68	68	68	68	68	68	66	68	68	67
R.Admir_Mãe	-,260*	-,089	,004	-,215	-,121	-,092	,096	-,096	,144	,084	-,644**	-,225	1	,524**
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,031	,468	,973	,076	,323	,452	,430	,432	,239	,491	,000	,065		,000
N	69	69	69	69	69	69	69	69	69	69	67	68	69	67
R.Admir_Pai	-,232	,002	-,005	-,217	-,151	-,178	,287*	-,196	,063	,040	-,420**	-,380**	,524**	1
Correlação de Pearson														
Sig. (bilateral)	,059	,987	,967	,078	,223	,150	,018	,112	,614	,747	,000	,002	,000	
N	67	67	67	67	67	67	67	67	67	67	66	67	67	67

** A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

* A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

a. D_motivo discriminação = Nível econômico/educacional

Quadro 3. Matriz de correlação entre variáveis em estudo no grupo das não vítimas

		Correlações ^a													
		D_Tratamento_Injusto1	D_Rejeição_Pessoal1	V.Física	V.Social	V.Verbal	VA Propriedade	Auto_estima	Ansiedade	C.Cop.Ativo	C.Re.Positiva	R.Conf_Mãe	R.Conf_Pai	RAdmir_Mãe	RAdmir_Pai
D_Tratamento_Injusto1	Correlação de Pearson	1	,534**	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	-,275**	,101	-,018	,027	-,118	-,048	-,045	-,020
	Sig. (bilateral)		,000	,005	,310	,858	,784	,245	,642	,661	,848
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
D_Rejeição_Pessoal1	Correlação de Pearson	,534**	1	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	-,264**	,109	-,054	,015	,051	-,039	,009	,020
	Sig. (bilateral)	,000		,007	,271	,588	,877	,614	,705	,932	,843
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
V.Física	Correlação de Pearson	. ^c	. ^c	1	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c
	Sig. (bilateral)
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
V.Social	Correlação de Pearson	. ^c	. ^c	. ^c	1	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c
	Sig. (bilateral)
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
V.Verbal	Correlação de Pearson	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	1	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c
	Sig. (bilateral)
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
VA Propriedade	Correlação de Pearson	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	1	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c
	Sig. (bilateral)
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
Auto_estima	Correlação de Pearson	-,275**	-,264**	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	1	-,414**	,232	,210	-,073	-,133	,249	,350
	Sig. (bilateral)	,005	,007		,000	,018	,033	,476	,194	,013	,000
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
Ansiedade	Correlação de Pearson	,101	,109	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	-,414**	1	-,006	-,060	,116	,060	-,048	-,097
	Sig. (bilateral)	,310	,271	,000		,954	,546	,253	,558	,637	,348
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
C.Cop.Ativo	Correlação de Pearson	-,018	-,054	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	,232	-,006	1	,556**	-,148	-,149	,258	,396
	Sig. (bilateral)	,858	,588	,018	,954		,000	,143	,144	,010	,000
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
C.Re.Positiva	Correlação de Pearson	,027	,015	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	,210	-,060	,556**	1	-,100	-,211	,333	,348
	Sig. (bilateral)	,784	,877	,033	,546	,000		,326	,038	,001	,001
	N	103	103	103	103	103	103	103	103	103	103	99	97	99	96
R.Conf_Mãe	Correlação de Pearson	-,118	,051	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	-,073	,116	-,148	-,100	1	,556**	-,379	-,222
	Sig. (bilateral)	,245	,614	,476	,253	,143	,326		,000	,000	,030
	N	99	99	99	99	99	99	99	99	99	99	99	96	99	96
R.Conf_Pai	Correlação de Pearson	-,048	-,039	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	-,133	,060	-,149	-,211	,556**	1	-,110	-,287
	Sig. (bilateral)	,642	,705	,194	,558	,144	,038	,000		,285	,005
	N	97	97	97	97	97	97	97	97	97	97	96	96	96	96
RAdmir_Mãe	Correlação de Pearson	-,045	,009	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	,249	-,048	,258	,333	-,379	-,110	1	,503
	Sig. (bilateral)	,661	,932	,013	,637	,010	,001	,000	,285		,000
	N	99	99	99	99	99	99	99	99	99	99	99	96	99	96
RAdmir_Pai	Correlação de Pearson	-,020	,020	. ^c	. ^c	. ^c	. ^c	,350**	-,097	,396	,348	-,222	-,287	,503	1
	Sig. (bilateral)	,848	,843	,000	,348	,000	,001	,030	,005	,000	
	N	96	96	96	96	96	96	96	96	96	96	96	96	96	96

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

a. D_motivo discriminação = não se aplica

c. Não é possível calcular porque pelo menos uma das variáveis é constante.

Quadro 4. Modelo de regressão linear múltipla para a autoestima no grupo de vítimas em função do peso

Autoestima				
<i>Variáveis</i>	β	<i>p</i>	Tolerância	VIF
Constante		.000		
R.pessoal	-.30	.000	.75	1.34
V.física	.24	.01	.45	2.20
V. social	-.06	.52	.51	1.97
V.verbal	.06	.55	.47	2.11
V.A.P.	.14	.15	.45	2.25
Ansiedade	-.16	.04	.73	1.36
Coping ativo	.26	.01	.49	2.06
R. positiva	.08	.40	.48	2.08
Autoculpabilização	-.27	.001	.69	1.44
Conflito mãe	-.05	.55	.65	1.54
Conflito pai	-.09	.26	.65	1.53
Adm. mãe	-.05	.55	.61	1.64
Adm. pai	.10	.26	.57	1.76

Quadro 5. Modelo de regressão linear múltipla para a autoestima no grupo de vítimas em função do NSE

Autoestima				
<i>Variáveis</i>	β	<i>p</i>	Tolerância	VIF
Constante		.000		
R.pessoal	-.19	.17	.55	1.82
V.física	2.23	.13	.46	2.17
V. social	.19	.22	.44	2.26
V.verbal	.04	.83	.29	3.48
V.A.P.	-.36	.05	.32	3.10
Ansiedade	-.24	.04	.80	1.26
Coping ativo	.41	.003	.58	1.73
R. positiva	.10	.45	.58	1.72
Autoculpabilização	-.27	.03	.71	1.42
Conflito mãe	.04	.77	.54	1.87
Conflito pai	-.15	.25	.62	1.62
Adm. mãe	-.05	.72	.46	2.20
Adm. pai	.13	.38	.50	1.99

Quadro 6. Modelo de regressão linear múltipla para a autoestima no grupo de não vítimas

Autoestima				
<i>Variáveis</i>	β	<i>p</i>	Tolerância	VIF
Constante		.000		
R.pessoal	-.26	.002	.96	1.04
Ansiedade	-.25	.01	.82	1.22
<i>Coping</i> ativo	.21	.04	.63	1.60
R. positiva	.03	.77	.64	1.56
Autoculpabilização	-.32	.001	.77	1.30
Conflito mãe	.21	.06	.55	1.81
Conflito pai	-.12	.25	.59	1.69
Adm. mãe	.16	.14	.58	1.72
Adm. pai	.12	.27	.59	1.70